



RELATÓRIO 2011 | 2017

6 ANOS DE LUTA PELA EQUIDADE RACIAL NO BRASIL

Cristina Lopes
Organizadora



Baobá
FUNDO PARA EQUIDADE RACIAL

1ª EDIÇÃO



Kitabu
Editora



RELATÓRIO

2011 | 2017

6 ANOS DE LUTA PELA EQUIDADE RACIAL NO BRASIL

Cristina Lopes
Organizadora



Baobá
FUNDO PARA EQUIDADE RACIAL

1ª EDIÇÃO | 2018



Kitabu
Editora

Copyright © Kitabu Editora, 2018

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Vagner Amaro CRB-7/5224

R382 Relatório 2011-2017: 6 anos de luta pela equidade racial no Brasil / Cristina Lopes
(Org.). – Rio de Janeiro: Kitabu, 2018.
108 p.; 25 cm.

ISBN: 978-85-67445-07-6

1. Programas de ação afirmativa 2. Igualdade racial 3. Racismo – Brasil I. Título

CDD – 305.0981

Índice para catálogo sistemático:

I. Programas de ação afirmativa: Brasil 305.0981

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a autorização prévia do Fundo Baobá e da Kitabu Editora.

Conselho Editorial Kitabu Editora

Amarino Queiroz – UFRN
Amaury Garcia Rodriguez – COLMEX
Amilcar Araujo Pereira – UFRJ
Ana Lúcia Silva e Souza – UFBA
Diana Pereira de Araujo - UNILA
Edson Cardoso
Luiz Silva (Cuti)
Marcio André dos Santos Oliveira - UNILAB
Mônica Lima – UFRJ
Ricardo Riso
Viviane C. Antunes (UFRRJ)

Ficha Técnica

Coordenação do projeto: Cristina Lopes
Supervisão: Selma Moreira
Coordenação Editorial: Kitabu Editora
Edição e preparação de originais: Fernanda Felisberto
Projeto gráfico: Maria Júlia Ferreira
Revisão: Ricardo Riso

Fotos dos projetos: Arquivo pessoal e acervo das organizações

RELATÓRIO

2011 | 2017

6 ANOS DE LUTA PELA EQUIDADE RACIAL NO BRASIL

Fundo Baobá
Conselho Deliberativo:

Hélio de Souza Santos (presidente)
Amalia Eugenia Fischer (vice-presidente)
Ana Amelia Campos Toni
Aparecida Sueli Carneiro
Denise Kazue Hirao
Elizabeth Lima da Silva
Joelzito Almeida de Araújo
Luiz Alberto de Oliveira Gonçalves

Diretora Executiva
Selma Moreira

Equipe:

Gerente de Programas
Cristina Lopes

Administradora de Escritório
Rejane Glauce Santana

Assistente Executiva
Eliane Macêdo



Baobá
FUNDO PARA EQUIDADE RACIAL

SUMÁRIO

Apresentação Fundo Baobá
Cristina Lopes

Equidade Racial como chave para um Estado Democrático de Direito
Helio Santos – Fundo Baobá

A importância das experiências brasileiras no campo da Promoção da Equidade Racial.
Rui Mesquita Cordeiro – Fundação Kellogg

Parceiros pela garantia do direito à aprendizagem dos jovens negros e negras
Ricardo Henriques – Instituto Unibanco

Da semente aos primeiros frutos – Um breve histórico da Instituição

Projetos de apoio direcionado

Apoios Pontuais

Participação em Redes e Fóruns

Editais

Fundo de Apoio a Pequenos Projetos

Gestão Escolar para Equidade – Juventude Negra

Cultura Negra em Foco

Empodera

Gestão Escolar para Equidade – Juventude Negra (II edição)

A p r e s e n t a ç ã o

O presente relatório tem o intuito de apresentar brevemente as ações e resultados dos primeiros seis anos do Fundo Baobá. Uma publicação de 2015, “Memórias do Baobá: raízes e sementes na luta por equidade racial no Brasil”¹ se dedicou a registrar, como o próprio nome sugere, as memórias de um conjunto de intelectuais, ativistas e organizações filantrópicas para a construção de um “mecanismo” que mais tarde veio a se tornar o Baobá – Fundo para Equidade Racial.

Tivemos a honra de contar com textos de três convidados: uma análise das desigualdades no Brasil que nos convida a pensar na equidade racial como chave para plena democracia brasileira, elaborada pelo presidente do Conselho Deliberativo do Fundo Baobá, Helio Santos. Rui Mesquita Cordeiro, da Fundação Kellogg, parceira histórica do Fundo Baobá, aborda a importância da existência de um fundo dedicado exclusivamente à promoção da equidade racial – principalmente no atual cenário político e econômico, que ao fomentar projetos contribui para a manutenção da temática racial na agenda ao mesmo tempo em que amadurece seus programas e constrói sua sustentabilidade. Já Ricardo Henriques, superintendente-executivo do Instituto Unibanco, ilustra a parceria entre as organizações que consolida uma visão de investimento social privado voltada à filantropia para a justiça social, que alia expertises para incidir no combate à desigualdade no campo da Educação, mais especificamente no Ensino Médio, área de atuação do Instituto e central ao acesso de oportunidades mais equânimes à população negra, portanto de interesse do Fundo Baobá.

Voltando o olhar para o desenvolvimento institucional do Fundo Baobá, apresentamos um breve histórico e as transformações aos longos desses seis anos, tanto no que diz respeito à gestão, quanto à área programática a fim de ilustrar o processo de amadurecimento da instituição. Cada um dos cinco editais já lançados pelo Fundo Baobá e seus parceiros é apresentado trazendo informações sobre cada projeto já financiado.

A amplitude de temas e Estados do país atendidos, com foco na região Nordeste demonstra, não só os efeitos do racismo estrutural presentes em todas as esferas – pública ou privada, mas também a potencialidade das organizações afro-brasileiras da sociedade civil que seguem atuando no sentido de uma sociedade mais justa e democrática à despeito do avanço de pautas conservadoras que instauraram reformas políticas nas quais a população negra é a mais vulnerabilizada com a perda de direitos. Nesse sentido, o Fundo Baobá passa a ter um papel ainda mais central na promoção da equidade racial, o que torna nosso desafio ainda maior e mais necessário.



Cristina Lopes
Gerente de Programa

«O Fundo Baobá passa a ter um papel ainda mais central na promoção da equidade racial, o que torna nosso desafio ainda maior e mais necessário».

Equidade Racial como chave para um Estado Democrático de Direito

O Fundo Baobá, antes de se constituir formalmente em 2011, teve seus primórdios no contexto da crise econômica de 2008, que coincidiu com a saída do Brasil de algumas agências internacionais de financiamento social. Por outro lado, a postura da Fundação Kellogg frente ao racismo foi fundamental para a decisão de apoiar um fundo cujo nome está associado a uma árvore milenar ancestral, originária da África e que tem o sentido da Preservação. A missão do Fundo Baobá é um desafio, porque ela requer arrecadar recursos para uma causa; o que não é habitual no Brasil. Sobretudo para a causa racial que durante muito tempo sofreu uma invisibilidade profunda, que vem aos poucos se revertendo. Trata-se de uma mudança cultural: construir um fundo patrimonial, voltado para fomentar um novo desenvolvimento que propicie equidade racial.

Dentre as dez maiores economias do mundo, o Brasil é o único país de maioria negra. Este fator demográfico é o que torna o país um dos mais desiguais do planeta; o que é convalidado por uma ampla gama de dados que evidenciam que a pobreza aqui tem cor.

Os debates ideológicos que permearam o pensamento político brasileiro ao longo do século 20 contaram com a participação de adeptos das vertentes da democracia liberal, do socialismo e do autoritarismo, com pequenas variações. Tais correntes, ao se defrontarem, promoveram e alimentaram as ideias da intelligentsia nacional por todo aquele período. Todavia, na prática, aquelas formulações foram incapazes de evitar que o Brasil se tornasse um dos países mais desiguais do mundo.

A incapacidade congênita do país de interpretar seu processo de evolução histórica e econômica – em que o longo escravismo é elemento-chave –, gerou práticas de políticas públicas que resultaram no que pode ser entendido como a dialética da exclusão brasileira. Ou seja, as políticas universais que foram formalmente implementadas ao longo do tempo não foram adequadas para produzir a plena cidadania, dada à incapacidade dessas iniciativas de atenderem ao conjunto da população que possui especificidades como as étnico-raciais e as de gênero.

A dialética da exclusão brasileira se deve, em grande medida, ao racismo institucional que é a principal causa do tipo de desenvolvimento enviesado resultante daquelas práticas – sem sustentabilidade social, racial e moral –, pois não proporciona a igualdade de oportunidades entre os diversos segmentos da população. Portanto, percebe-se que a população negra, em vez de ser “um problema”, é parte importante da solução, pois possibilita com a sua inclusão qualificada um desenvolvimento efetivo, produtor de cidadania integral.

Por isso, o Fundo Baobá opera no sentido de produzir igualdade de oportunidades na sociedade brasileira e tal esforço só resultará em êxito no país mediante a equidade racial. Nada é mais desigual do que tratar a todos igualmente.



Helio Santos

Presidente do Conselho Deliberativo do Fundo Baobá

«Nota-se ali um foco de alta criatividade no sentido de enfrentar as múltiplas agruras do cotidiano».

Presentemente, observa-se no Brasil uma conjuntura política que apoia pautas contrárias aos direitos sociais. Inúmeras iniciativas de cunho regressivo vêm sendo encaminhadas e aprofunda-se uma visão contrária aos direitos humanos. Diversos temas importantes para a cidadania vêm sendo entregues às bancadas de interesse que dominam o Congresso, desfigurando o modelo de cidadania forjado na Constituição Federal de 1988 e revertendo conquistas importantes. Um exemplo é a Proposta de Emenda Parlamentar (PEC 55 aprovada no Senado), que congela por 20 anos os gastos públicos e provoca impactos mais danosos para as parcelas mais fragilizadas da sociedade brasileira – negros e indígenas em sua ampla maioria. As quase 50 milhões de pessoas atendidas pelo programa Bolsa Família, entre elas 69% de negros, receberam em 15 anos R\$ 221,7 bilhões - menos do que um único ano de pagamento de juros da Dívida Pública, que em 2015 foi da ordem de R\$ 277,3 bilhões.

Uma das faces mais agudas do racismo se manifesta pela taxa de homicídio que atinge a juventude negra. Segundo dados do Atlas da Violência de 2017, foram registrados 29.489 homicídios de jovens negros jovens entre 14 e 29 anos – cerca de 80 óbitos por dia. Sabe-se que no segmento populacional negro a violência atinge preferencialmente à juventude masculina. Porém, a posição da mulher negra, de uma maneira geral, tem a sua condição agravada. As mulheres negras, apesar de formarem o maior grupo populacional do Brasil, pois superam em número os homens negros e brancos e também as mulheres brancas, representam o principal grupo em situação de pobreza e constitui o segmento mais precarizado em termos de emprego, renda, empregabilidade e ocupação de espaço nas diversas esferas do poder formal. Todavia, a pró-atividade e o protagonismo das mulheres negras vêm tornando esse segmento uma força política nova na cena nacional.

As periferias do Brasil, onde a maioria da população negra está, são espaços abandonados pelo Estado. Entretanto, nota-se ali um foco de alta criatividade no sentido de enfrentar as múltiplas agruras do cotidiano, tais como: subemprego e desemprego, baixa renda, ausência de equipamentos adequados de saúde, educação, esporte e lazer. Tem-se ainda moradias inadequadas e violência sistêmica circundando o ambiente. Sabe-se que estes espaços revelam, permanentemente, artistas de diversas áreas, desportistas famosos e empreendedores sociais talentosos. Evidente que falta apoio que possibilite alavancar tais celeiros de talentos. Tem-se nas periferias ouro puro enquanto que as elites amam bijuterias – bijuterias finas. O Fundo Baobá entende que a Equidade Racial é um instrumento adequado para corrigir essas perdas que desfalcam de maneira grave o potencial do Brasil.

A juventude e a mulher são os dois focos estratégicos do Fundo Baobá. Diante desse quadro, ao focar na Equidade Racial, o Fundo Baobá passa a ter um compromisso com a consolidação da democracia no Brasil – esta é a Visão definida em nosso Planejamento Estratégico que recentemente foi atualizado e fortalecido para melhor cumprir nossa Missão.

A importância das experiências brasileiras no campo da Promoção da Equidade Racial

A primeira coisa que eu preciso salientar é o quão importante é para a sociedade brasileira ter um fundo que seja exclusivamente focado nas questões de igualdade racial, especialmente nesse momento político que o Brasil atravessa. Ao longo do tempo o país tem vivido ciclos de desenvolvimento e retrocessos. E desenvolvimento é isso, dois passos para frente e um passo para trás, se der tudo certo.

Nesse último ciclo bom pelo qual o país passou, existia uma esperança de que havia chegado a vez do Brasil e que por isso era impossível haver novo retrocesso. Apesar dessa esperança, agora temos novamente que lidar com a dureza do cotidiano, que já não é mais o mesmo. Hoje a luta se mostra tão forte quanto em outros períodos históricos, a diferença é que antes não havia um mecanismo como esse, pois em outras épocas não existia nenhum fundo dessa natureza. Isso traz muita esperança de que temos ferramentas melhores e maiores do que tínhamos no último ciclo conservador que o país enfrentou. Apesar de estarmos vivendo outro período de retrocesso, existe agora uma massa negra que foi criando institucionalidades. Resta-nos, então, usar as ferramentas para enfrentar esse novo ciclo, e o Baobá é uma delas.

Diante desse contexto é preciso comemorar o fato de o Fundo Baobá ter sido criado independente da ilusão que se tinha naquele momento. Se não tivesse sido criado naquela época, hoje não teria sido criado de jeito nenhum. Aproveitou-se uma oportunidade muito boa e, assim, apesar do retrocesso político, econômico, institucional e de direitos no país, você tem esse Fundo que é uma instituição que está se consolidando, e que, olhando para o futuro, tem que se consolidar ainda mais pautando essa agenda de igualdade racial numa sociedade machista, racista e conservadora, até o dia em que o jogo vire mais uma vez, afinal, esse movimento sempre vai acontecer, a história mostra isso. E quando acontecer de novo, esse fundo já vai ter anos de experiência.

A existência de um fundo dessa natureza mantém a agenda ativa em setores nos quais ela não estaria caso o fundo não existisse, por exemplo, os setores do investimento social privado, da filantropia e da responsabilidade social empresarial. Por isso, ainda que o Baobá não fizesse nada e só existisse, ele já teria um grande impacto na sociedade brasileira.

Um fundo no Brasil, que é um país representativo para a população negra no mundo e em especial na América Latina, também influencia as agências em outros lugares do mundo, tal qual na época da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - SEPPIR quando foram criadas adaptações desse órgão em vários países, como Honduras, Equador e Colômbia, por exemplo. Hoje em dia todos esses países tem uma espécie de SEPPIR e quando se conversa com as pessoas nas instituições de governo é possível perceber que o processo se deu com inspiração no órgão brasileiro. Eu acredito que o Baobá tem um efeito parecido, mas numa outra escala, já que estamos falando de um movimento social que não tem tanto recurso, especialmente para a questão da igualdade racial, logo, torna-se mais difícil replicar as experiências.



Rui Mesquita Cordeiro
Diretor de Programas para a América Latina e Caribe da Fundação Kellogg.

«Existe agora uma massa negra que foi criando institucionalidades»

Um exemplo dessa influência é o projeto que a Kellogg está apoiando no Haiti, um processo no qual o Fundo Baobá esteve envolvido no começo. A existência do Baobá detonou o interesse e, assim, hoje temos um grupo de lideranças negras Haitianas que está criando um fundo que, apesar de diferente, já que o mote escolhido por eles foi a educação, se assemelha bastante com a experiência do Baobá. Nesse momento eles estão incubados numa outra instituição haitiana, seguindo os passos do fundo brasileiro que também esteve incubado na Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa - FUNDEP em seus anos iniciais. Além disso, na ideia do fundo eles desejam a experiência do endowment, desafio que também estrutura o Fundo no Brasil. Esse exemplo nos revela a existência de impactos que, apesar de indiretos, se mostram importantes para a sociedade como um todo.

Apesar da grandeza de seus impactos, o trabalho ainda não ganhou a escala que merece ganhar. Escala nenhuma funciona sem uma fase inicial de experimentação e o Baobá vem fazendo isso intensamente. Apesar de ainda estar se estruturando e trabalhando sua própria sustentabilidade, o Fundo, nesses primeiros 6 anos, está experimentando intensamente projetos e programas específicos, e testando-os com muito aprendizado. Ele está apoiando as organizações brasileiras em um pedaço muito importante de seu trabalho que tem a ver com sua sustentabilidade, não só institucional ou financeira, mas também sustentabilidade política, o que é uma missão muito grande, uma missão muito desafiadora, mas que está acontecendo.

Então, hoje, sinceramente, eu acredito que nós temos que celebrar a existência desse Fundo e o fato dele ter sido criado e ter sido abraçado pelas lideranças negras brasileiras.



Parceiros pela garantia do direito à aprendizagem dos jovens negros e negras

O Baobá - Fundo para Equidade Racial, fundo de direitos humanos independente, focado na temática racial, tem sido parceiro para a agenda do Instituto Unibanco que, a partir de seu lugar de fundação que atua na melhoria da educação pública, assumiu um compromisso com a garantia do direito à aprendizagem de todos os jovens, buscando o enfrentamento das desigualdades para a efetiva transformação da sociedade. Nesse contexto, reconhecemos e valorizamos o papel essencial dos fundos independentes de direitos humanos para o processo de construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na medida em que oferecem apoio técnico e financeiro a grupos e organizações de pequeno porte que possuem, em geral, reduzido nível de institucionalidade. Essas organizações, fomentadas pelos fundos, desenvolvem ações voltadas para populações vulnerabilizadas, desde as periferias das metrópoles até as comunidades ribeirinhas e rurais, o que aumenta a capilaridade de atuação dos fundos e amplia sua capacidade de transformação social.

A parceria entre o Instituto Unibanco e o Fundo Baobá consolida uma visão de investimento social privado que, a partir do campo de atuação específico da educação, explicita o desafio de uma sociedade que avançou na cobertura e no acesso, mas não enfrentou o padrão de desigualdade estrutural que a assola. Avançamos no acesso à educação, mas as desigualdades que afetam determinados grupos de estudantes ainda são um entrave na garantia do direito à aprendizagem para todas as crianças, adolescentes e jovens, como comprovam alguns dados. O Relatório da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2014) aponta que, entre os anos de 1991 e 2010, o número de jovens entre 15 e 20 anos matriculados em escolas quase triplicou no país. Por outro lado, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) no Ensino Médio está estagnado há três edições, em 2011, 2013 e 2015, em 3,7, ou seja, abaixo da meta do governo.

Ao focarmos especificamente na situação dos jovens negros, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios aponta que o Brasil conseguiu colocar mais da metade de brasileiros pretos e pardos, de 15 a 17 anos, no Ensino Médio. Em 2015, 52% desses jovens estavam frequentando a segunda etapa da educação básica. No início deste século XXI somente um terço (36,9%) da população de 15 a 17 anos frequentava o Ensino Médio. Destes, 49,6% eram brancos e somente 24,4% negros, ou seja, de quatro alunos, um era negro. No entanto, o desempenho dos negros é menor que dos brancos e eles têm uma maior probabilidade de abandonar os bancos escolares. Como exemplo, a proficiência média em matemática dos alunos brancos era de 279 e a dos negros, 261 pontos, ou seja, uma diferença de 18 pontos, segundo dados do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) (2015). A média considerada adequada pelo Movimento Todos pela Educação é de 350 pontos. Os negros têm uma maior probabilidade de abandonar os bancos escolares – 16,2% dos negros (pretos e pardos) de 15 a 17 anos estão fora da escola, enquanto que os brancos fora da escola representam 13,1% (PNAD, 2015).



Ricardo Henriques
Superintendente-executivo do
Instituto Unibanco

«Valorizamos o papel essencial dos fundos independentes de direitos humanos»

Vimos, portanto, que a ampliação da cobertura não teve como efeito a redução das desigualdades educacionais porque as políticas educacionais no Brasil têm sido orientadas por um princípio igualitário que tem tratado igualmente os desiguais, o que compete não apenas para a manutenção, mas também para o recrudescimento das desigualdades (ou assimetrias) no interior das escolas.

As estatísticas demonstram que políticas focadas para a redução das desigualdades étnico-raciais somadas às políticas de ampliação de acesso funcionam, de fato, este é o caso do ensino superior. O percentual de negros e negras nas universidades quase triplicou nos últimos dez anos, resultado das políticas de cotas nas universidades federais, políticas de financiamento como o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES), e de mecanismos de ampliação do acesso como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Sistema de Seleção Unificada (SISU). É necessário, pois, intensificar esforços para assegurar que mais jovens negros entrem no Ensino Médio, aprendam o que é esperado na idade e série correta e concluam esta etapa de ensino com sucesso para que possam avançar em suas trajetórias educacionais.

As desigualdades raciais na educação refletem outras violações de direitos que a população jovem e negra vivencia no Brasil. Cerca de 31 mil jovens de 15 a 29 anos foram assassinados em 2014; desse total, 78% eram negros e 93,85% do sexo masculino, segundo dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde, em sua estatística mais recente. Do total de jovens assassinados em 2014, pouco mais de 17 mil não concluíram o ensino fundamental. Por outro lado, há 1,6 milhão de adolescentes de 15 a 17 anos fora da escola, destes quase 1,03 milhão são negros, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (2015). Estudos comprovam que estar fora da escola impede a mobilidade social, dificulta a quebra do ciclo de pobreza e aumenta a vulnerabilidade às situações de violência. Esses jovens fora da escola e à mercê da violência representam uma perda inestimável para toda a sociedade.

Nesse cenário, o desafio que move o Instituto Unibanco, no que se refere ao Ensino Médio, é o aprimoramento da gestão escolar para que ela seja capaz de, simultaneamente, contribuir para o aumento da aprendizagem dos estudantes e para a diminuição da desigualdade entre eles. Para enfrentar esse desafio, o portfólio do Instituto parte do pressuposto de que a melhoria dos resultados educacionais de cada estudante passa pelo reconhecimento das diferenças e da valorização da diversidade, de modo a criar condições de equidade para enfrentarmos as desigualdades.

A parceria com o Baobá - Fundo para Equidade Racial nasce nesse escopo e vem somar esforços conosco no enfrentamento das desigualdades raciais na educação, cujos efeitos limitam as possibilidades de desenvolvimento de milhares de brasileiros. Com isso, faz-se necessário e urgente debater e, sobretudo, elaborar e implementar políticas e programas que promovam a equidade.

A primeira iniciativa conjunta com o Fundo Baobá foi o Edital Gestão Escolar para a Equidade: Juventude Negra, que contou também com a parceria do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de São Carlos. Lançado em 2014 com o propósito de elevar os resultados educacionais de jovens negros e negras, a primeira edição recebeu 124 projetos de 20 estados e do Distrito Federal. As dez iniciativas selecionadas foram desenvolvidas em escolas públicas de Ensino Médio - parte delas em parcerias com organizações da sociedade civil e dos movimentos negros - e

receberam apoio técnico e financeiro ao longo de 2015. Além disso, os projetos foram acompanhados, monitorados e seus resultados foram sistematizados. Já a segunda edição, em 2016, recebeu 185 inscrições de projetos das cinco regiões do país, de 24 estados e do Distrito Federal, representando um avanço de quase 50% em relação à primeira.

Esse resultado extremamente positivo de ambas as edições foi obtido, em grande parte, pela legitimidade e capacidade de mobilização do Fundo Baobá junto às redes de movimentos negros e organizações da sociedade civil que atuam em prol da equidade racial e valorização da diversidade. A assessoria do Fundo Baobá também foi imprescindível para articular e convocar atores relevantes para participarem das rodas de conversa promovidas pelo edital em torno da temática étnico-racial, o que possibilitou um debate plural e a ampliação do campo de escuta frente a uma diversidade de vocalizações. Sua capacidade técnica também foi fundamental na identificação e seleção dos projetos promissores e na produção de melhor capacidade de execução dos projetos, além do desenho de panoramas e mapeamentos.

O Fundo Baobá tem contribuído de maneira excepcional e competente na identificação das práticas que nascem da realidade concreta, desenvolvidas e implementadas pelas organizações e movimentos sociais em parceria com as escolas para o enfrentamento dos problemas reais vividos pelos jovens negros e negras deste país. A organização tem capacidade de alcance e uma interação densa e aprofundada com os atores deste recorte e, complementarmente, atua no fortalecimento das organizações sociais de base por meio de programas de captação e formação, criando redes e produzindo conhecimento.

A expertise em educação, o foco no impacto social e a visão de escala do Instituto Unibanco, aliados à legitimidade do Fundo Baobá junto aos movimentos sociais, sua capacidade de mobilização nos nichos e capacidade técnica na temática, somado ao rigor teórico e analítico da academia para avaliação e sistematização dos projetos, tem se mostrado uma modelagem muito promissora para busca de soluções efetivas para problemas sociais complexos.

Além de provocar a reflexão sobre temas que muitas vezes não estão no radar da gestão escolar e no dia a dia das escolas, as iniciativas da linha de Editais Gestão Escolar para a Equidade inovam ao aproximar diferentes atores. Essa conjugação é absolutamente necessária, pois nenhum desses atores, isoladamente, conseguiria produzir as interfaces que são decorrentes da dinâmica com todos juntos. A arquitetura dessa parceria tem se demonstrado exitosa e estamos continuamente testando seus limites e potências, com conforto e segurança, sustentados por relações sólidas de compromisso e confiança.

O Brasil ampliou o acesso dos jovens negros e negras à escola, no entanto, é necessário acelerar o ritmo das transformações para que eles permaneçam na escola e tenham assegurado seu direito à aprendizagem. Não podemos retroceder, pelo contrário, precisamos avançar mais rápido. O Baobá - Fundo para Equidade Racial tem sido nosso importante aliado nesta jornada.

O DIA 13 DE MAIO NÃO É UMA DATA
COMEMORATIVA. NA VERDADE, É UMA DATA
PARA REFORÇAR A NOSSA LUTA PELA
IGUALDADE RACIAL.



Da semente aos primeiros frutos

Um breve histórico da Instituição

O Baobá - Fundo para Equidade Racial foi fundado em 2011, em Recife. É uma entidade sem fins lucrativos de atuação nacional e tem como missão “Promover a equidade racial no Brasil”, como visão “Posicionar a questão da equidade racial como essencial para a democracia brasileira”. Para tanto, baseia-se nos valores da “ética, da transparência e da gestão”.

A sua origem está em uma iniciativa da Fundação Kellogg, em 2008, após anunciar a sua saída do Brasil, de convidar um grupo de intelectuais e ativistas afro-brasileiras(os) atuantes na sociedade civil para discutir alternativas de longo prazo para a sustentabilidade político-financeira de Organizações da Sociedade Civil (OSCs) afro-brasileiras e seu trabalho pró-equidade racial. Os diálogos indicaram a necessidade de se criar uma organização brasileira capaz de mobilizar recursos, apoiar projetos e auxiliar no fortalecimento dessas organizações. Diante disso, a Fundação Kellogg decidiu contribuir para a criação de um fundo patrimonial, obedecendo a seguinte regra: para cada real captado pelo Fundo Baobá para o desenvolvimento de projetos, um real será doado para o Fundo Patrimonial. Para cada real doado diretamente para o Fundo Patrimonial, a Fundação Kellogg depositará dois reais, também no Fundo patrimonial. Em ambos os casos, a Fundação Kellogg fará contribuições ao Fundo Patrimonial até o limite de 25 milhões de dólares, a fim de estimular a doação de recursos de indivíduos, governos e empresas para o fortalecimento das OSCs afro-brasileiras.

O Fundo Baobá completou seis anos em 2017 e apresenta um histórico de ações inovadoras em sua proposta de mobilizar pessoas e recursos, no Brasil e no exterior, para apoiar projetos pró-equidade racial de organizações da sociedade civil (OSCs) afro-brasileiras. Em 2016, inaugurou uma nova fase com uma sede em São Paulo, a fim de otimizar questões tributárias e as tratativas com os possíveis financiadores que se concentram no eixo Rio-São Paulo.

A primeira fase do Fundo Baobá (2011-2013) teve como foco a sua constituição com elevada reputação, pautando sua atuação sob a égide da ética, da transparência e da excelência em gestão. Para tanto, o Conselho Deliberativo do Baobá empenhou-se, primeiramente, na criação de uma estrutura institucional balisada nas melhores práticas em gestão financeira, administrativa e de pessoas, e, conseqüentemente, na sua apresentação à sociedade brasileira.

A partir de 2014, passou a lançar editais de apoio a pequenos projetos. Foram lançadas duas chamadas públicas em 2014, uma em 2015 e duas em 2016. Todos os projetos selecionados passaram por um processo de monitoramento e assessoria formativa, além da etapa de avaliação.



Nesta segunda etapa, o Fundo tem procurado construir bases para sua autonomia financeira que lhe permitirá investir em áreas estratégicas a partir das demandas das organizações negras brasileiras. Também tem investido no refinamento de sua área programática e das estratégias de comunicação.

Com a consolidação institucional do Fundo Baobá, inicia-se uma nova fase em sua gestão, procurando construir bases para sua autonomia financeira que lhe permitirá investir em áreas estratégicas a partir das demandas das organizações negras brasileiras, com o objetivo de alinhar e aperfeiçoar nossa estratégia de atuação para promoção da equidade racial no Brasil.

Esta nova fase tem sua implementação iniciada em um momento altamente desafiador para o Brasil, em que as crises econômica e política tendem a gerar efeitos negativos para toda a população brasileira, em particular para as pessoas negras.

Tal cenário nos coloca também diante de situação desafiadora no que se refere às ferramentas e recursos necessários para o cumprimento da Missão – “Promover a Equidade Racial no Brasil”.

O Fundo Baobá e a filantropia para justiça social

O Fundo Baobá, em articulação com os demais fundos que atuam no cenário da filantropia no Brasil, busca fomentar um novo paradigma com foco na equidade racial no campo da justiça social, direitos humanos e socioambientais objetivando contribuir para uma transformação na realidade social brasileira.

Sua integração com as redes de organizações que atuam neste campo se estabelece através de sua participação em estruturas institucionais como Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE); Rede de Fundos para a Justiça Social e Fórum Permanente pela Igualdade Racial (FOPIR).

O Baobá, enquanto um fundo filantrópico independente, aposta na promoção da cultura de doação voltada para a justiça social por meio do investimento de parte da sociedade brasileira para as organizações da sociedade civil que trabalham com a promoção de direitos, como estratégia para uma sociedade democrática. Utiliza a sua expertise em seleção, monitoramento e avaliação de projetos de forma a garantir resultados satisfatórios para o/a doador/a, que muitas vezes deseja contribuir para a transformação social, mas não necessariamente tem experiência neste campo.

Resumo dos principais resultados alcançados até o momento

O Fundo Baobá tem avançado no seu fortalecimento e visibilidade institucional. Nos últimos dois anos, implantou diversas iniciativas visando qualificar sua gestão. Dentre os principais resultados, destacamos: a) o funcionamento regular das instâncias de governança e a criação do Comitê de Investimento, encarregado da gestão do Fundo Patrimonial; b) a adoção de auditorias externas anuais, visando garantir e comprovar as boas práticas de gestão; c) a elaboração e implementação de um plano estratégico para captação de recursos com a meta de captar US\$ 25 milhões de dólares em matching funds² da Fundação Kellogg, a partir da implantação de um conjunto de ações estratégicas com organizações privadas, fundações filantrópicas e indivíduos; e d) elaboração do planejamento estratégico do Fundo Baobá. Além dos resultados voltados à gestão interna, esses avanços administrativos levaram o Fundo Baobá a secretariar o Fórum Permanente pela Igualdade Racial (FOPIR)³ – uma coalização antirracista que congrega 16 organizações de todo o país.

No que concerne a área programática, o Baobá já lançou 5 editais públicos -forma primordial de seleção de projetos, tendo recebido 1.559 propostas de todo o Brasil. Os editais demonstraram a capacidade convocatória do Baobá, cujas mensagens chegaram a uma multiplicidade de atores em todas as regiões. O Fundo também apoia, pontualmente, iniciativas de curta duração que tenham fins coletivos dentro da temática da promoção da equidade racial.

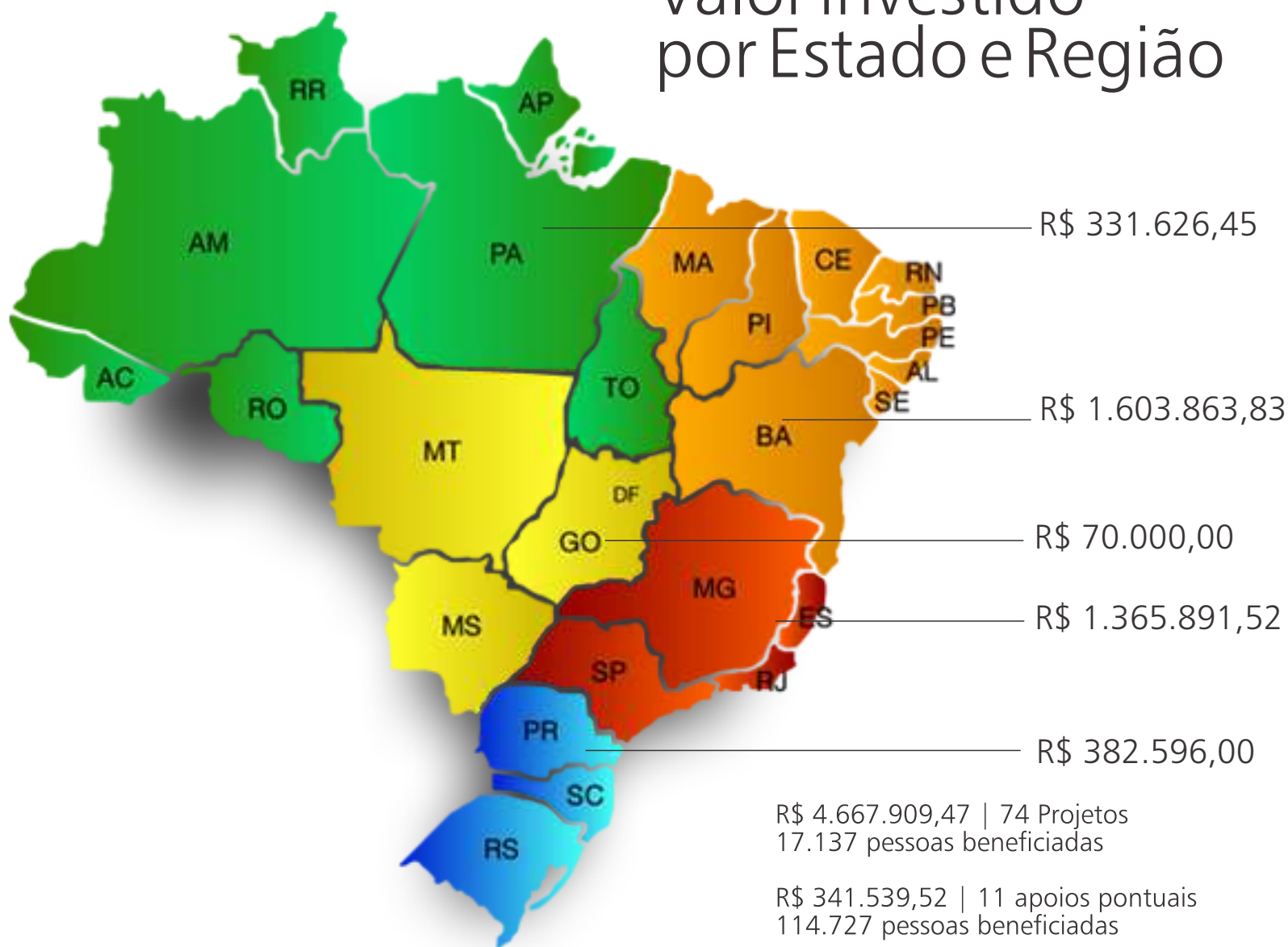
Ao todo, 74 projetos e 11 iniciativas pontuais foram apoiados pelo Baobá. Todos voltados para a promoção da equidade racial em temas como educação, saúde, cultura, comunicação, garantia de direitos de mulheres negras, quilombolas e jovens junto a organizações negras. Com as ações dos projetos foram beneficiadas diretamente 17.137 pessoas. Já os apoios pontuais, alcançaram 97.590 pessoas por meio da participação em eventos, divulgação, campanhas e atos públicos apoiados e /ou realizados pelo Fundo. As iniciativas variaram desde a Marcha de Mulheres Negras, em Brasília (2015), até a realização de feiras



comerciais de empreendedores negros, passando por reuniões estratégicas de lideranças nacionais do movimento negro, ou mesmo pelo apoio ao fortalecimento institucional de organizações.

A relevância do BAOBÁ é ressaltada a partir dos resultados obtidos pelas organizações, a saber: as iniciativas de afirmação das populações quilombolas em seu direito ao território, por meio de ações de mobilização e articulação para o reconhecimento de suas terras; as práticas alternativas de experiências agroecológicas, beneficiamento e comercialização solidária; a observância de aspectos da segurança e soberania alimentar e nutricional; o estímulo a participação em grupos e fóruns de debates, em espaços de controle social; a afirmação do saber ancestral, da cultura e da espiritualidade; da dimensão organizativa e política dos atores; a autoestima da população negra; a autonomia política e econômica de jovens e mulheres negras; a divulgação de informação sobre a população negra; e a mobilização e resistência na luta antirracista.

Valor investido por Estado e Região



AC	1	R\$ 35.000,00
AL	2	R\$ 78.293,00
AP	2	R\$ 173.626,45
BA	7	R\$ 550.120,00
CE	3	R\$ 99.245,00
DF	1	R\$ 20.000,00
ES	1	R\$ 48.143,00
MA	3	R\$ 197.995,00
MG	4	R\$ 169.577,90
MS	1	R\$ 50.000,00
PA	3	R\$ 100.000,00
PB	3	R\$ 173.588,27
PE	6	R\$ 284.942,56
PR	1	R\$ 29.600,00
RJ	12	R\$ 727.005,84
RN	2	R\$ 65.000,00
RS	7	R\$ 363.785,90
SC	2	R\$ 89.210,10
SE	3	R\$ 154.680,00
SP	8	R\$ 421.164,78
TO	1	R\$ 23.000,00
NAC	1	R\$ 813.931,67

Editais e projetos de investimento direcionado



**FORD
FOUNDATION**

R\$ 1.042.041,33

11 PROJETOS



**W.K.
KELLOGG
FOUNDATION**

R\$ 1.291.623,53

12 PROJETOS

Johnson & Johnson

FAMILY OF COMPANIES IN BRASIL

R\$ 145.486,76

1 PROJETO

**instituto
Coca-Cola** Brasil

R\$ 371.000,00

2 PROJETOS

Coca-Cola

R\$ 603.200,00

11 PROJETOS



R\$ 1.477.532,26

20 PROJETOS

instituto
arapuaú

R\$ 50.000,00

2 PROJETOS

ir
INSTITUTO
LOJAS
RENNER

R\$ 1.000.000,00

15 PROJETOS

Projetos com investimento direcionado

Além das fundações e institutos, o Fundo Baobá também busca estabelecer relações com empresas com o intuito de captar recursos, mas também de estimular a filantropia para Justiça Social entre esse público e ocupar espaços de diálogo com o universo corporativo sobre políticas de contratação mais inclusivas, por exemplo.

As experiências adquiridas durante as atividades de prospecção nos apontaram que diversas empresas, apesar de não incorporarem no discurso, têm como público a população negra. A partir desta percepção passamos a indicar à empresa o público beneficiado com suas ações, fazendo com que o Baobá se torne um interlocutor ideal para tal parceria, dada sua capilaridade entre as organizações sociais que lutam pela igualdade racial.

Arranjos desse tipo fortalecem nossa atuação como articulador entre as demandas apresentadas por empresas e as oportunidades de conexão com o Terceiro Setor, tendo como eixo condutor iniciativas que promovam melhorias para a população negra. Dois exemplos concretos são as parcerias com a Ri Happy e Estrela e com a Johnson e Johnson.

Neste mesmo formato de investimento direcionado, o Fundo também celebrou parcerias com o Instituto Coca-Cola Brasil, a Coca-Cola Brasil e o Instituto Arapyauú.

Projeto em parceria com a Ri Happy e a Estrela

Coleção Adunni



RI HAPPY

A parceria entre Ri Happy e Estrela, que resultou na produção da linha de bonecas negras “Adunni”, foi resultado de uma ação de Marketing Relacionado a Causa, em que desenvolvemos a concepção de um produto conceitual e a captação de parcerias com empresas dispostas a investirem na ideia, a fim de promover a implantação mercadológica e fortalecer a luta pela equidade racial no Brasil. Como resultado, o Baobá receberá os royalties pela comercialização e, simultaneamente, promoverá a causa da equidade racial por meio das ações de marketing para divulgação do produto.



Projeto em parceria com a Resource Foundation, ligada a Johnson&Johnson

Abordando a mortalidade materna entre Comunidades Quilombolas do Estado do Amapá

A articulação promovida pelo Baobá através da parceria com a Johnson&Johnson, foi desenhada para viabilizar um projeto em co-criação com a Associação Cultural de Mulheres Negras - ACMUN e desenvolvido com o Instituto de Mulheres Negras do Amapá - IMENA, focado na atenção à saúde das mulheres negras em período de gestação, beneficiando um conjunto de comunidades quilombolas no Amapá, a saber: Curiaú, Tessalônica e Carmo do Maruanum. Os grupos dessas comunidades haviam sido mapeados por uma breve pesquisa realizada pelo Fundo Baobá sobre mortalidade infantil e saúde da mulher para a elaboração da proposta.

A partir da construção de um ambiente coletivo de troca de experiências profissionais e vivências pessoais, o projeto capacita trabalhadores e trabalhadoras da área de saúde e ativistas do movimento social sobre a saúde da população negra, especificamente a partir do tema da mortalidade materna e infantil com foco na abordagem do racismo institucional presente no Sistema Único de Saúde (SUS).

Como resultado, está em curso um projeto que, a partir da construção de um ambiente coletivo de troca de experiências profissionais e vivências pessoais, capacita trabalhadores e trabalhadoras da área de saúde e ativistas do movimento social sobre a saúde da população negra, especificamente a partir do tema da mortalidade materna e infantil com foco na abordagem do racismo institucional presente no Sistema Único de Saúde (SUS).



Johnson & Johnson

FAMILY OF COMPANIES IN BRASIL

Projetos em parceria com o Instituto Coca-Cola Brasil

O Baobá assumiu o papel de monitorar financeiramente e prover assistência técnica nas áreas administrativa e financeira, visando contribuir com o processo de fortalecimento institucional do Instituto Mídia Étnica e do, então grupo, Voz da Comunidade. Em contrapartida, ambas organizações participaram da implementação da estratégia de comunicação comunitária do projeto Coletivo, que é uma iniciativa do Instituto Coca-Cola Brasil, agregando valor através de seus conhecimentos e expertise na área.

The logo for Instituto Coca-Cola Brasil is contained within a white circular graphic. It features the word "instituto" in a bold, dark blue, sans-serif font. Below it, the "Coca-Cola" logo is written in its signature red script font, followed by the word "Brasil" in a smaller, dark blue, sans-serif font.

instituto
Coca-Cola Brasil



Instituto Mídia Étnica

O fortalecimento institucional do Instituto Mídia Étnica, localizado na cidade de Salvador, compreendeu o aluguel de espaço para criação da Casa do Instituto Mídia Étnica, reforma e compra de mobiliário e equipamentos para a Casa, além da contratação de pessoal e planejamento do crescimento do site.

Instituto Mídia Étnica



ONG Voz das Comunidades

O projeto teve como objetivo contribuir para o fortalecimento institucional dessa organização, localizada no Rio de Janeiro, através da assessoria ao processo de institucionalização do grupo Voz da Comunidade, o que potencializou a captação de recursos com outras instituições. Possibilitou também aluguel de espaço e compra de mobiliário e equipamentos para funcionamento da sede e contratação de pessoal, possibilitando um funcionamento mais estruturado do grupo.



Projeto em parceria com a Coca-Cola Brasil

A parceria com a Coca-Cola Brasil abarcou duas ações: a elaboração de um edital com foco em cultura – que foi lançado em 2016 com o nome de “Cultura Negra em Foco”, no qual o Fundo Baobá foi responsável por todo o processo de seleção, monitoramento e avaliação dos projetos. A segunda ação foi o apoio ao Instituto Feira Preta com o intuito de viabilizar o planejamento de ações da Feira Preta e pagamento parcial do aluguel do espaço (Anhembi) para realização do evento nos anos de 2014 e 2015.

Coca-Cola Brasil



Instituto Feira Preta

A Feira Preta é considerada a maior feira de cultura negra da América Latina, com aproximadamente 100 expositores de produtos voltados para estética negra, com extensa programação sociocultural e a participação média de 14 mil pessoas. O evento é um modelo híbrido de cultura e economia que reúne inúmeros representantes da cultura afro-brasileira e empreendedores de diversas regiões do Brasil. Atua em duas vertentes: disseminação da cultura negra e estímulo a negócios de empreendedores negros. A programação estende-se em várias atividades, como shows, oficinas de literatura, dança e percussão, exposição de obras de arte, exposição de produtos étnicos, gastronomia e espaço literário. Criada em 2002 pela gestora de Eventos Adriana Barbosa, a Feira Preta completou 15 anos em 2016, estendendo sua programação para a cidade do Rio de Janeiro, além da já tradicional edição em São Paulo.

Projetos em parceria com o Instituto Arapyaú

A primeira iniciativa foi o lançamento da “Campanha pelo Fundo Nacional de Combate ao Racismo”, em 2015. O apoio viabilizou viagens para divulgação da Campanha e criação de pontos focais locais da Campanha para as seguintes cidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Aracaju, Recife, Vitória e Salvador. Apesar da efetiva sensibilização de militantes locais para engajamento na Campanha e criação de pontos focais em cada estado e do apoio político de diversas instituições relevantes na defesa da democracia, a saber: Ordem dos Advogados do Brasil - OAB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, Comissão de Justiça e Paz (nacional), Instituto de Estudos Socioeconômicos - INESC, Central Única dos Trabalhadores - CUT, foi relatada a dificuldade de montagem das estruturas estaduais por falta de recursos humanos e financeiros para se tocar uma campanha de âmbito nacional a fim de obter de cerca de um milhão e quatrocentas mil assinaturas em todo o país, cuja logística necessita de viagens, montagem de um sistema de arrecadação, de um esquema mínimo de divulgação e publicidade que ainda não foi elaborado.

O segundo apoio foi direcionado ao fortalecimento institucional do Instituto Feira Preta, também no ano de 2015, com o objetivo de realizar o Planejamento Estratégico 2015 do Instituto e acompanhar um mapeamento de empreendedores afro-descendentes em nível nacional. O processo do planejamento estratégico proporcionou traçar estratégias e cenários para tornar a Feira Preta mais competitiva, rentável e possibilitar sua expansão no mercado, além de promover a troca de experiências e gerenciamento de expectativas entre seus membros, realinhando e integrando áreas e gerando compromissos coletivos.

Já o mapeamento trouxe o perfil dos mais de 100 empreendedores entrevistados, bem como uma análise dos desafios e avanços no cenário em que atuam.

A parceria com o Instituto Arapyaú surgiu do diálogo entre as instituições motivado pela busca por um parceiro para acompanhar o investimento a duas iniciativas que tratariam da promoção da equidade racial por caminhos distintos.



Apoios pontuais

O Fundo também apoia iniciativas de curta duração que tenham fins coletivos dentro da temática da promoção da equidade racial, que nomeamos internamente de apoios pontuais.

2012

6ª edição do Prêmio “Educar para a Igualdade Racial”

Objetivo: Apoiar a 6ª. Edição do Prêmio “Educar para a Igualdade Racial” e incentivar a ampla divulgação de seus resultados entre os formadores de opinião e formuladores de políticas públicas, com ênfase na comunicação.

Conforme previsto no Termo de Referência celebrado entre o Fundo Baobá e o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), foi desenvolvido uma série de tarefas e produtos em relação ao prêmio "Educar para a Igualdade Racial", especialmente no que se refere:

- 1) Uma publicação especificamente para a Região Nordeste do país, com 10 (dez) cases para divulgação;
- 2) Pós-premiação, um documentário em vídeo que reúna as experiências e profissionais premiados;
- 3) Realização do Seminário Virtual Nacional "História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Escola".

2013

Comunicadoras Negras

Objetivo: Apoio para cobertura da III CONAPIR, realizada de 05 a 07 de novembro, com foco na produção de conteúdos.

O Geledés - Instituto da Mulher Negra, a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial do Rio de Janeiro (Cojira-Rio) e o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT - SP), integrantes do FOPIR, por ocasião da Reunião 'Direitos das Mulheres, Mídia e Políticas Públicas: desafios e perspectivas para a 3ª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial, integraram o processo de diálogo sobre Mídia e Direito à Comunicação, com enfoque de gênero e raça. A partir deste encontro foram desencadeadas ações para incidir na III CONAPIR com intuito de aprovar as propostas no campo da comunicação, focadas em gênero e raça, e realizar cobertura deste evento na perspectiva do grupo de comunicadoras negras.

As comunicadoras negras criaram uma fanpage no Facebook (Comunicadoras Negras), produziram 04 boletins, vídeos pílulas, fotografias, matérias, produção de textos e conteúdos, stream, entrevistas e material para rádio, que foram distribuídos e veiculados na fanpage, nos sites do Geledés – Instituto da Mulher Negra, do Instituto Patrícia Galvão e nas redes sociais.





2013

Instituto AMMA Psique e Negritude

Objetivo: Apoio para elaboração do Plano Estratégico do Instituto AMMA Psique e Negritude.

Esta organização foi criada por um grupo de psicólogas com o objetivo de trabalhar as complexas relações inter-étnico-raciais em especial as relações entre populações fenotipicamente diferentes, por meio de uma abordagem psicossocial.

O plano estratégico foi de fundamental importância para esta instituição que há quase duas décadas atua na luta antirracista, e assim estruturar novos caminhos diante do desafiador cenário no que diz respeito à sustentabilidade e do recrudescimento do racismo.

2013

Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT)

Objetivo: Apoio à reunião de análise de conjuntura promovida pelo CEERT.

O encontro agregou aproximadamente vinte lideranças expressivas e com atuação destacada na política, na academia e nas lutas sociais, para realizar e debater uma leitura da conjuntura política brasileira a partir do protagonismo negro. Foi elaborado e compartilhado um texto-base, em versão impressa e eletrônica, subscrito pelas lideranças, inventariando as principais conquistas institucionais da luta em defesa da igualdade da racial na última década, acentuando seu significado e alcance, bem como analisando os desafios que se antepõem à ampliação e consolidação de tais políticas.



Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades

2013

Centro de Informações das Nações Unidas (UNIC)

Objetivo: Apoio ao evento “Encontro das Áfricas”.

O evento, produzido pelo Centro de Informações das Nações Unidas (UNIC) e a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, foi realizado em novembro de 2013 e contou com a participação de 50 artistas nacionais e internacionais, reunindo um público de 700 pessoas, no Teatro Oi Casa Grande, no Rio de Janeiro. Esse encontro celebrou a elaboração de um manifesto pela aprovação da DÉCADA DA AFRODESCENDÊNCIA (2015-2025). Para além da parceria com a UNIC/ONU, este evento colaborou ainda para o fortalecimento e a visibilidade da marca Baobá.



2014

Festival Percurso

Objetivo: Apoio para produção cultural na montagem de palco do festival.

O 2º Festival Percurso de Economia Solidária, realizado na Praça do Campo Limpo, mobilizou aproximadamente 10 mil pessoas nas mais de 12 horas de duração. Além da grande feira de artesanato e produtos orgânicos, o festival fortaleceu o tema: “Juventude periférica gerando renda, trabalho e desenvolvimento local”. Foram expostos e comercializados serviços e produtos dos empreendimentos econômicos solidários que fazem parte da “Rede de Empreendimentos Culturais Solidários da Periferia Urbana da Zona Sul de São Paulo”.

O Festival é parte do processo de articulação do Projeto REDES – Rede de Empreendimentos Culturais Solidários da zona sul de São Paulo, que tem como proposta fortalecer empreendimentos de economia solidária, executado pela União Popular de Mulheres (UPM), que fica na região do Campo Limpo, zona sul.



2015

Marcha das Mulheres Negras

Objetivo: Viabilizar a participação de 76 mulheres das regiões Norte e Nordeste e do Estado de São Paulo – este último público por indicação do parceiro que financiou parte das passagens - na Marcha das Mulheres Negras. A participação das mulheres de São Paulo foi articulada com o Fundo Aziz, pelo Fórum Permanente pela Igualdade Racial – FOPIR, do qual o Fundo Baobá participa enquanto uma das organizações da Secretaria Executiva.

A Marcha das Mulheres Negras, realizada no dia 18 de novembro de 2015, na cidade de Brasília, foi repleta de vários momentos importantes, não somente naquele dia, mas durante todo seu processo de articulação e mobilização das mulheres negras de todo o Brasil. Segundo as organizadoras, 50 mil mulheres de todo o país marcharam em homenagem às suas ancestrais. Como resultado concreto, ao final da Marcha, o Comitê Impulsor Nacional definiu representantes para entrega oficial à Presidenta Dilma, da Carta das Mulheres Negras.





2016

Feira Afreaka

Objetivo: Apoiar a compra de 10 stands para realização da feira e contratação de coordenadora para elaboração do processo seletivo de empreendedoras(es) negras(os) e produção do evento.

Foram selecionados 20 participantes da cena afro-brasileira e/ou africana no Brasil, com o intuito de levar ao público de São Paulo iniciativas plurais, que representem a cultura negra do Brasil e de África, fomentando discussões sobre igualdade social e representatividade dentro do campo do desenvolvimento econômico.

2017

Festival Latinidades

Objetivo: Apoio para viabilização da Coordenação de Comunicação e Assessoria de Imprensa do Festival Latinidades 2017.

Ao longo dos quatro dias de programação (27 a 30 de julho), 35 conferencistas, palestrantes e oficinas(os) de diversos países (Nigéria, Cuba, Angola, Moçambique, Estados Unidos) e estados brasileiros (Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, entre outros) realizaram inúmeras ações de capacitação e troca de experiências que celebraram a beleza, a riqueza e a diversidade das mulheres negras brasileiras, africanas e de outras regiões da diáspora africana, valorizando e aprendendo com suas experiências e saberes.



2017

Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul – Brasil, África e Caribe/10 anos

Objetivo: Apoiar a compra de passagens internacionais para viabilizar a participação de 04 cineastas africanos com o intuito de manter o intercâmbio internacional com países da África e da Diáspora Negra.

2017

II Encontro Negras Jovens Feministas

Objetivo: Apoio para hospedagem de 40 jovens participantes da Região Nordeste no encontro realizado em São Paulo, com a participação de 400 jovens negras para debater temas como: Direito ao Bem Viver, Participação Política, Tecnologias, Comunicação, Identidades e Feminismo Negro, além de fortalecer suas ações inseridas nos diferentes espaços e esferas políticas, com foco na relação intergeracional, para elaboração de estratégias de atuação capazes de promover o bem viver das negras jovens.



Participação em redes e fóruns

Fórum Permanente de Igualdade Racial

O Fórum Permanente pela Igualdade Racial – FOPIR é uma coalização de organizações antirracistas que tem como propósito desenvolver estratégias e ações de diagnóstico, mobilização, comunicação e incidência política capazes de deflagrar um debate amplo e democrático em prol do enfrentamento do racismo e na defesa das políticas de promoção da igualdade racial e de gênero. As ações do FOPIR têm por objetivo impactar governos, parlamentares, formuladores e operadores de políticas públicas, mídia e a sociedade como um todo, na luta por um estado democrático e inclusivo.

O Fundo Baobá atua como uma das três organizações que compõe a atual gestão da Secretaria Executiva do Fórum que reúne um conjunto de organizações da sociedade civil (OSCs), representativas em vários níveis e atuantes no campo de defesa de direitos, em torno do tema da promoção da igualdade racial. Essas organizações, além do campo de atuação, também têm em comum o fato de desenvolverem ou ter desenvolvido projetos em parceria com a Fundação Ford no âmbito do portfólio de justiça racial da Fundação.

Participam do Fórum as seguintes organizações: Anistia Internacional Brasil, Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB), Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), COJIRA - Rio, Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), Baobá - Fundo para Equidade Racial, Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC), Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO), Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento (Laeser/UFRJ), Geledés, Observatório de Favelas, Odara - Instituto da Mulher Negra, Redes de Desenvolvimento da Maré (Redes da Maré), Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA).



FOPIR
Fórum Permanente pela
Igualdade Racial

Rede de Fundos Independentes para Justiça Social₄

A Rede de Filantropia para a Justiça Social é uma organização informal que reúne hoje nove fundos, incluindo o Fundo Baobá, a saber: Fundo Brasil de Direitos Humanos, Fundo Socioambiental CASA, Instituto Rio, Fundo Elas, Fundo PositHiVo, Instituto Comunitário Grande Florianópolis (ICOM), Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) e Instituto Baixada. Os membros da Rede, individual e coletivamente, representam e introduzem no Brasil uma nova filantropia: a filantropia de justiça social e comunitária.

A Rede de Fundos foi criada em 2012 a partir da união de um grupo de organizações similares em valores e na forma de atuação e marca um novo momento no setor cidadão do Brasil. São organizações doadoras de recursos (grantmakers) e que direcionam suas ações para organizações que trabalham com direitos humanos, igualdade e justiça social.

As organizações da Rede de Fundos trabalham para fortalecer as organizações sociais de base por meio de programas de doações e capacitação, criando redes de intercâmbio, fazendo pesquisas e informando a sociedade brasileira como investir em justiça social.





EDITAIS

Fundo de apoio a pequenos projetos

A 1ª Chamada para projetos de Organizações Afro-Brasileiras da Sociedade Civil foi lançada em 2014 e teve como objetivo apoiar por 12 meses 22 organizações pequenas e médias da sociedade civil (OSCs) afro-brasileiras de todo o país na implementação de projetos que visassem ampliar a promoção da equidade racial. Como o nome anuncia, foi o primeiro edital do Fundo Baobá. Foram recebidos 194 projetos de todo o país, com predominância de propostas da região Nordeste do Brasil, em uma ampla variedade de temas, como garantia de direitos, fortalecimento institucional, cultura, combate à intolerância religiosa e educação, entre outros. Das 22 organizações selecionadas, 13 são da região Nordeste.

Esta chamada de projetos teve apoio da Fundação Kellogg, da Fundação Ford.

Organização:

AACADE | Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afrodescendentes

Título do Projeto:

Reconhecendo e Demarcando Território e Promovendo a Cidadania

Duração: 2015

Beneficiários: Diretos 755

Local: João Pessoa – PB

Histórico da Organização:

A Associação Grupo de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afrodescendentes – AACADE foi formada em 1997 pela reunião de um grupo de profissionais interdisciplinares (agentes de saúde, assistentes sociais, educadores populares, professores e voluntários) preocupados com a situação das populações rurais e principalmente com os trabalhadores sem terra, áreas de conflito e as comunidades negras/quilombolas isoladas e sem acesso às políticas sociais. Participaram do processo de luta pela criação dos assentamentos na cidade de Alagoa Grande, região do Brejo Paraibano. Com a experiência adquirida, a Associação foi responsável pela organização, orientação e acompanhamento da criação de outros assentamentos quilombolas no Estado, mas a formalização da entidade só ocorreu em 2003, o que permitiu passar a atuar em parceria a organizações governamentais e não governamentais.

O projeto:

O projeto Reconhecendo e Demarcando Território e Promovendo a Cidadania deu continuidade ao processo iniciado pela AACADE de identificação, reconhecimento e titulação dos territórios quilombolas na Paraíba, com foco na promoção e realização de atividades de formação que permitiram as 07 comunidades envolvidas no projeto e suas lideranças se apropriarem dos instrumentos de implementação das políticas públicas, promovendo o protagonismo e a autonomia das comunidades e suas lideranças por meio do exercício concreto da cidadania nas suas várias instâncias. As atividades incluíram oficinas para mobilizar a comunidade e discutir sobre territorialidade, intercâmbio com comunidade com território demarcado e experiência de organização comunitária e produtiva, além de duas reuniões por comunidade com gestores públicos INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário) e Secretarias de Desenvolvimento Humano e Agricultura.





Organização:

Associação das Lavadeiras de Lauro de Freitas

Título do Projeto:

Lavadeiras em ação: geração de renda em Lauro de Freitas

Duração: 2015

Beneficiários: 28

Local: Lauro de Freitas – BA

Histórico da Organização:

Às margens do Rio Ipitanga, no ano de 1986, um grupo de lavadeiras que usava as águas do rio para lavar as roupas dos seus patrões e de suas famílias, deu início à Associação de Lavadeiras de Lauro de Freitas, enquanto compartilhavam suas vivências e cantavam. Com o passar dos anos, essa atividade ficou ameaçada, pois em função da poluição dos rios e consequente desaparecimento das fontes de água, forçou essas mulheres a lavarem as roupas em suas próprias casas, o que comprometeu essa convivência.

O ano de 1991 foi marcado pela criação da Associação. Dez anos depois, ela recebeu da prefeitura um espaço de trabalho, onde foi desenvolvido o serviço de lavanderia e ampliadas as ações com oficinas de artesanato, palestras, feiras e outros eventos. Nessa nova etapa, as 28 mulheres associadas buscaram ampliar suas atividades e atrair jovens da comunidade para que assim aprendessem um novo ofício.

O projeto:

O projeto Lavadeiras em ação: geração de renda em Lauro de Freitas contribuiu para o aumento da renda destas 28 beneficiadas, oferecendo melhores condições de trabalho, por conseguinte, proporcionando um aumento da clientela das lavadeiras, que são mulheres negras em sua maioria e sustentam sozinhas suas famílias. Isto trouxe impacto imediato na renda destas mulheres, nas suas condições de vida e no desenvolvimento local.



Organização:

AJOMPROM | Associação de Jovens, Moradores e Produtores Rurais de Santa Luzia do Maruanum I

Título do Projeto:

Nós, Povos Quilombolas no Amapá: pela efetivação de direitos étnico-territoriais

Duração: 2015

Beneficiários: 200

Local: Macapá – AP

Histórico da Organização:

A Associação de Jovens, Moradores e Produtores Rurais de Santa Luzia do Maruanum I foi fundada em 2005 com o objetivo de fomentar o empoderamento político-cultural das comunidades negro-quilombolas no estado do Amapá por meio de oficinas temáticas e formações intergeracionais, visando a defesa e a efetivação dos direitos étnico-territoriais quilombolas no Amapá.

O projeto:

O projeto Nós, Povos Quilombolas no Amapá: pela efetivação de direitos étnico-territoriais foi uma iniciativa coletiva que contribuiu para efetivação do direito étnico-territorial no estado do Amapá, garantido pela Constituição Federal, uma vez que apenas três comunidades quilombolas (Curiaú, Mel da Pedreira e Conceição do Macacoari) receberam titulação após 25 anos, em um total de 33 comunidades certificadas pela Fundação Cultural Palmares. Esse quadro demonstra como a inoperância do Estado e o racismo institucional agravam situações de conflito por todo país, principalmente quando envolviam disputas territoriais entre comunidades quilombolas, grandes empresas, megaprojetos de infraestrutura, entre outros.

Essa iniciativa fortaleceu as lideranças quilombolas para que possuíssem ferramentas para defesa e promoção dos direitos étnico-territoriais, assim como atraiu e incentivou o engajamento dos jovens na luta pela valorização da cultura e da identidade negro-quilombola, da importância da preservação do território e das tradições. Também despertou neste grupo a necessidade de criação de estratégias de enfrentamento do genocídio da juventude negra.





Organização:

Associação Terreiro Contemporâneo de Arte e Cultura

Título do Projeto:

Montagem da obra de 40 minutos intitulada Nascimento

Duração: 2015

Beneficiários: 4.400

Local: Rio de Janeiro – RJ

Histórico da Organização:

Reconhecida como a primeira companhia de dança contemporânea negra, com 100% de bailarinos e 90% dos técnicos negros, a Cia. Rubens Barbot foi fundada em 1990 pelo coreógrafo e bailarino Rubens Barbot. Desde 2013 ocupa o espaço Associação Terreiro Contemporâneo, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Seus espetáculos abordam temas relativos às questões negras, sendo consagrados pela crítica especializada e o público do país e do exterior.

O projeto:

O projeto contribuiu para combater a ausência de memória e a invisibilidade da trajetória de personalidades negras na história do país, tanto em vida como após as suas mortes, com a montagem do espetáculo “NASCIMENTO - Uma celebração a Abdias Nascimento”, que em 2014 faria 100 anos. Assim, recuperava-se a trajetória deste líder incansável das lutas antirracistas, além de homenagear o ator, dramaturgo, escritor, senador e Doutor Honoris Causa de várias universidades, lutador dos direitos humanos, sociais e individuais. O espetáculo dialogou de forma direta com a lei 10.639/2003, trazendo, de forma artística, subsídios para professores através da construção de um espetáculo artístico-educacional.

O espetáculo inspirou-se no poema homônimo da escritora negra Conceição Evaristo, além da música de Décio Rocha e com o ator/bailarino Eder Martins, e relacionou a história negra contemporânea com os seus líderes. Este espetáculo circulou por escolas e terreiros de Candomblé e Umbanda.

Organização:
Centro de Formação para a Cidadania AKONI

Título do Projeto:

Valorização e inserção de jovens nos processos organizacionais e produtivos do mercado de trabalho a partir dos princípios da economia solidária

Duração: 2015
Beneficiários: 240
Local: São Luiz – MA

Histórico da Organização:

A partir da experiência de quatro mulheres, o Centro de Formação para a Cidadania AKONI foi fundado em 2004, em São Luiz (MA). O AKONI é uma organização não governamental que atua no estado do Maranhão, principalmente em áreas urbanas, populares, quilombolas, ribeirinhas etc. Sua missão é agir no combate às formas de discriminação e preconceito étnico-racial, religioso, social e sexual de populações excluídas, com a formulação de ações direcionadas à conquista da cidadania e à construção de uma cultura igualitária.

O AKONI possui engajamento em instâncias locais e nacionais de proposição e deliberação de políticas públicas.

O projeto:

A História do Brasil e sua formação social são marcadas por diferentes desigualdades, gerando discriminações e exclusões que atingem diretamente a população negra, e principalmente as mulheres negras, que são as mais afetadas. O estado do Maranhão possui um dos menores IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Brasil e os piores índices de desigualdade, tendo 83 dos 100 municípios mais pobres do país. Com a intersecção das condições racial, étnica, sexual e cultural, as mulheres encontraram dificuldades de acesso à saúde, e às informações adequadas e não discriminatórias quanto à sexualidade.

A partir das iniciativas voltadas à geração de renda já apoiados pelo AKONI, com jovens e mulheres o projeto estimulou a inserção de 100 jovens oriundos dos municípios de Bacabeira, Barreirinhas, Cururupu, São Luiz, Viana, a participar de três módulos com cinco oficinas cada, sobre diversas temáticas ligadas ao Empreendedorismo e à Economia Solidária, além da elaboração de um Plano de Negócio por região trabalhada, que foi avaliado e acompanhado pelo AKONI. Esta ação teve como objetivo, oportunizar estratégias de entrada, mais qualificada, para estes jovens no mercado de trabalho, visando o desenvolvimento socioeconômico sustentável.





Organização:

Federação de Cultura Negra do Vale do Itapecuru Mirim

Título do Projeto:

Bancada de Arrambã no Gumé do Querebentã | Saúde no Terreiro

Duração: 2015

Beneficiários: 160

Local: Itapecuru Mirim – MA

Histórico da Organização:

Criada em 2004, a Federação de Cultura Negra do Vale do Itapecuru possui a perspectiva de trabalhar políticas e ações sociais voltadas aos afrodescendentes e remanescentes de quilombos da microrregião do Vale do Itapecuru.

O projeto:

O projeto Bancada de Arrambã no Gumé do Querebentã - Saúde no Terreiro estimulou nas comunidades de Santa Maria dos Pretos, Santa Joana dos Pretos, Mata de São Benedito e Sumaúma, a valorização dos seus saberes ancestrais, através do uso de plantas medicinais e alimentícias, como uma alternativa a se somar a medicina oferecida pelo Sistema Básico de Saúde, já que muitas(os) moradoras(es) possuem suas hortas e quintais, com uma variedade de plantas e hortaliças, o que fortalece a manutenção das tradições locais. Esses saberes são comuns nas comunidades negras e nas casas de cultos afro-maranhenses, que são utilizados por “vodunsis”, “nochês” e por pessoas que conduzem essas casas.

Organização:

Rede de Mulheres Negras para Segurança Alimentar e Nutricional REDESAN

Título do Projeto:

Colóquios sobre estratégias de enfrentamento à insegurança alimentar das mulheres negras no Brasil

Duração: 2015

Beneficiários: 40

Local: Porto Alegre – RS

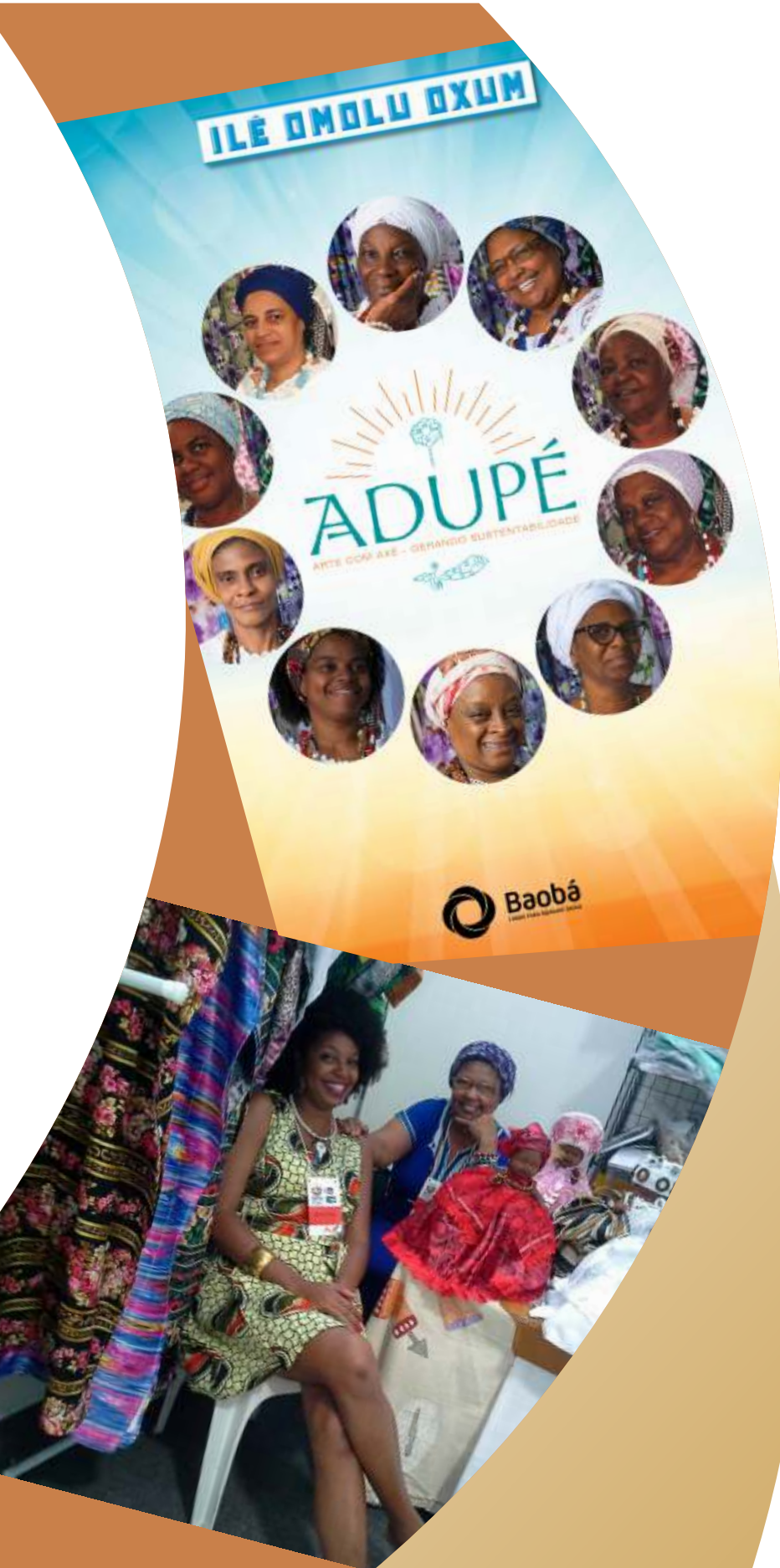
Histórico da Organização:

Fundada em 2005, a REDESAN nasce como um espaço de reflexão voltado para as mulheres negras com o intuito de problematizar e instrumentalizar este grupo em torno do tema da Segurança Alimentar e Nutricional da população negra, resgatando e preservando a culinária e as tradições culturais afro-brasileiras. A REDESAN atua em várias frentes com ações de advocacy de alcance local, nacional e internacional, atua no combate ao racismo, ao sexismo e à lesbofobia, além do monitoramento das políticas públicas e as consequências na segurança alimentar das mulheres negras.

O projeto:

O projeto Colóquios sobre estratégias de enfrentamento à insegurança alimentar das mulheres negras no Brasil realizou ações através de dois módulos complementares e simultâneos: um voltado à estruturação institucional da Rede e o outro direcionado à potencialização de ações de garantia ao direito humano à alimentação adequada para mulheres negras, uma vez que as ações e políticas públicas para a melhoria de condição de vida não contemplaram de forma específica a população negra. Também promoveu um Encontro Nacional que contou com a participação de segmentos representativos de mulheres negras, com o objetivo de discutir e proporcionar trocas de experiências em torno do tema da segurança alimentar e nutricional da população negra. O evento instrumentalizou mulheres negras nas ações para que modifiquem as iniquidades de gênero e raça, monitorando e analisando efeitos das políticas públicas voltada para este segmento.





Organização:
Sociedade Religiosa Ilê Omolu Oxum

Título do Projeto:
Arte com Axé | Gerando Sustentabilidade para Homens e Mulheres Negras Produtoras de Artesanato Afro-brasileiro

Duração: 2015
Beneficiários: Diretos: 13
Local: São João de Meriti – RJ

Histórico da Organização:

O Ilê Omolu Oxum transforma-se na Sociedade Civil Religiosa Ilê Omolu Oxum em 1968. Desde então expande a função religiosa da comunidade para obter maior representatividade na disseminação do acesso à informação entre a população da região.

Situado na Baixada Fluminense (RJ), o município de São João de Meriti concentra casos de violência, de pobreza e baixos índices de qualidade de vida, apresentando um IDH de 0,77. As mulheres formam mais da metade da população, e representam um terço das chefes de família, obrigando-as a atuar no mercado informal de trabalho, especialmente as mulheres negras. A cidade possui inúmeras comunidades de terreiro que são referenciais entre seus moradores, inclusive enquanto espaços de acolhimento às mulheres adeptas das religiões de matriz africana, desenvolvendo formas de geração de renda e fornecendo informações sobre os seus direitos, contribuindo para o resgate da cidadania entre os moradores.

O projeto:

O projeto Arte com Axé - Gerando Sustentabilidade para Homens e Mulheres Negras Produtoras de Artesanato Afro-brasileiro contribuiu para a efetiva participação de homens e mulheres negras na vida econômica e nos processos de desenvolvimento, a partir da ampliação dos instrumentos de aprimoramento da produção do artesanato afro-brasileiro, mais especificamente roupas e indumentárias utilizadas pelas comunidades de terreiro, gerando sustentabilidade a partir dos produtos artesanais, bem como valorizar e preservar as culturas afro-brasileiras, especialmente as desenvolvidas nas comunidades de terreiro.

Organização:
Sociedade de Culto Afro-Brasileiro Filhos de Obá

Título do Projeto:
Memorial do Terreiro Filhos de Obá

Duração: 2015
Beneficiários: 3.000
Local: Laranjeiras – SE

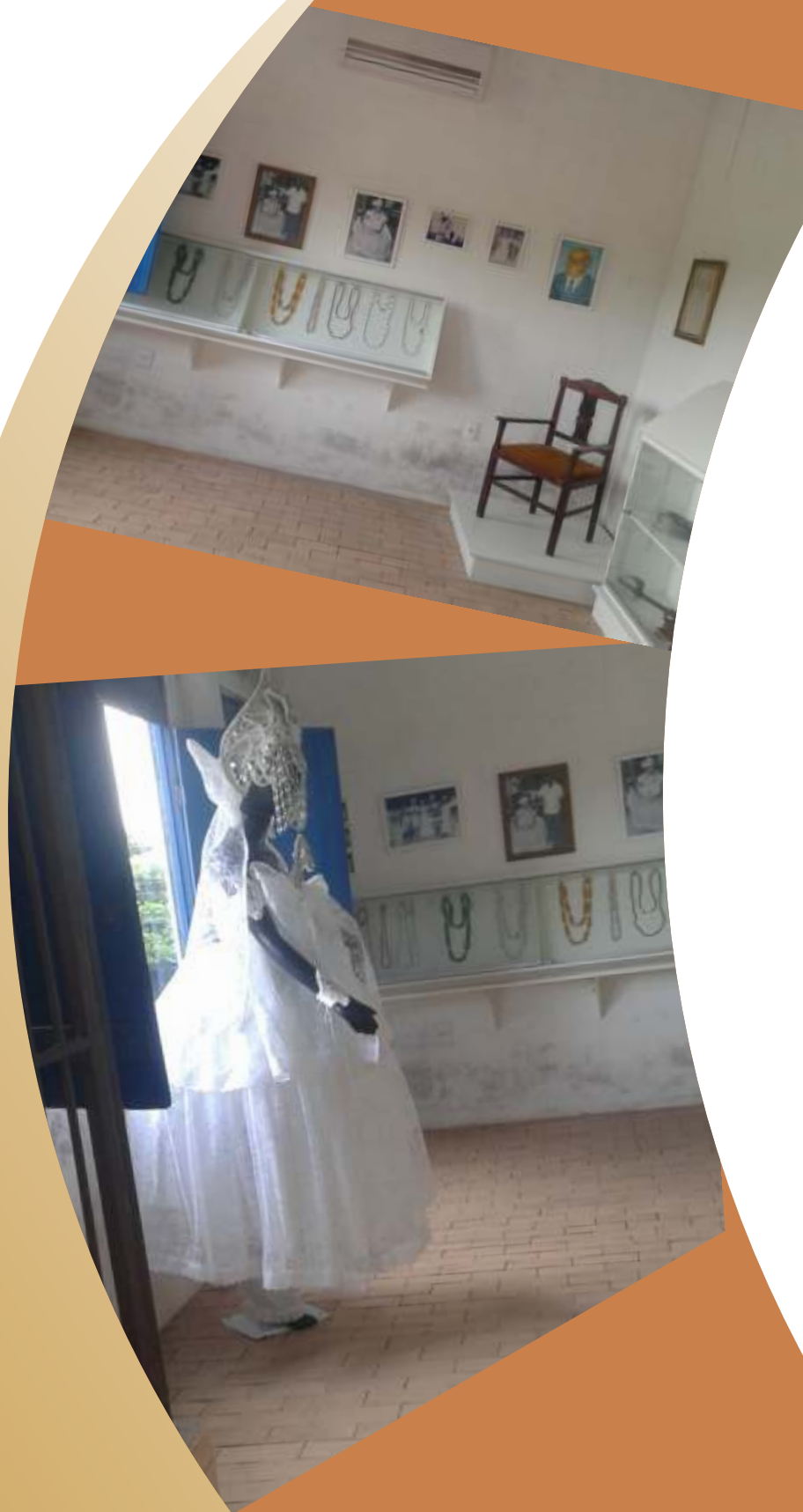
Histórico da Organização:

As origens do terreiro “Filhos de Obá” data do final do século XIX, sendo um dos mais antigos do país. Localizado em Laranjeiras – Sergipe, tem como fundadora Maria Joaquina da Costa, africana da cidade de Obá, no Benim. Foi regulamentado em 1909 e, em função de seu tempo de criação, é considerado um “terreiro matriz” que promove os valores espirituais e culturais ancestrais. Após um longo período inativo, em 1993, a Yewabeke Ginalva Rocha dos Santos assume suas atividades religiosas e administrativas, se dedicando à regulamentação dos documentos, restauração da sociedade e das atividades sociais.

O projeto:

O projeto criou o Memorial do Terreiro Filhos de Obá, contribuindo para desmitificar o preconceito em torno das religiões de matriz africana, evidenciando toda a riqueza da cultura africana no Nordeste brasileiro.

Ao fomentar um espaço como este, contribuiu em vários aspectos para o local, passando pela visibilidade e valorização da história de um terreiro histórico sergipano, o que eliminou a dispersão de seu passado, tornando-se, assim, um espaço de formação com atividades educacionais, culturais, religiosas e sociais. Este espaço passou a ser um local de referência para visitantes e pesquisadores que buscam informações sobre a história do Terreiro e da cidade, impactando positivamente no comércio local.



**Organização:**

Sociedade de Estudos Étnicos, Políticos, Sociais e Culturais
OMOLÀYÉ

Título do Projeto:**OXÊ: educação, justiça e cidadania**

Duração: 2015

Beneficiários: 150

Local: Aracaju – SE

Histórico da Organização:

A Sociedade OMOLÀYÉ atua nas áreas de Promoção da Igualdade Racial, combate ao racismo e à intolerância religiosa, tendo como foco religião, educação, saúde e cultura, com ênfase na juventude.

O projeto:

O projeto OXÊ: educação, justiça e cidadania criou ações que contribuíram para o combate ao racismo, a intolerância religiosa e cultural no Estado de Sergipe, que tendo 70,3% de população negra, ou seja, a quarta maior população negra do Nordeste do país, tem a rotina de preconceito presente em todo estado. Esse fato se agravava quando o tema é liberdade religiosa, uma vez que as religiões de matriz africana no Brasil sofrem diante do desconhecimento da população frente a sua diversidade cultural, o que está diretamente ligado ao racismo, deixando os praticantes dessas religiões absolutamente expostos e vulneráveis, já que não encontravam proteção nas instituições jurídicas.

Este projeto investiu na formulação de uma rede qualificada de operadores jurídicos, assistentes sociais e psicólogos para atuar com a perspectiva dos direitos humanos. Com isso, elaborou um site com serviço gratuito de acolhimento, encaminhamento e acompanhamento de denúncias com assessoria nas áreas jurídica, social e psicológica, atendendo as vítimas de racismo e de intolerância. Também produziu e distribuiu uma cartilha de como proceder em casos de discriminação étnico-racial e religiosa.

Organização:

Associação Quilombola de Conceição das Crioulas - AQCC

Título do Projeto:

Gerando renda e autonomia para as mulheres do Território Quilombola de Conceição das Crioulas

Duração: 2015

Beneficiários: 100

Local: Salgueiro – PE

Histórico da Organização:

A AQCC Associação Quilombola de Conceição das Crioulas é uma liderança em termos de processo de regularização de territórios, que desde 2000 vem desempenhando este papel na região, gerando reconhecimento governamental por parte da Fundação Cultural Palmares. A AQCC vem se dedicando a garantir a construção de um trabalho de valorização nas comunidades quilombolas da região, além de fomentar junto aos outros grupos o desejo da titulação, gestão e organização de seus territórios.

O projeto:

O projeto Gerando renda e autonomia para as mulheres do Território Quilombola de Conceição das Crioulas foi realizado na região do semiárido do estado de Pernambuco, mais precisamente na cidade de Salgueiro, na comunidade quilombola rural Conceição das Crioulas visando ampliar a geração de trabalho e renda. O projeto fomentou discussões permanentes sobre políticas e direitos quilombolas - como o processo de gestão do território, direitos das mulheres nas suas múltiplas temáticas (direitos sexuais e reprodutivos, violência contra a mulher, entre outros) provocando impacto na autoestima destas mulheres, através de uma consciência crítica frente à opressão de gênero e étnica.

Este trabalho também ampliou o número de mulheres e famílias envolvidas no processo de colheita e processamento de frutas da região, como o caroá e o umbu, através das oficinas de processamento, embalagem e armazenamento das polpas, ampliando a capacidade e melhorando as técnicas de produção. Também ofereceu oficinas de comercialização e gerenciamento de negócios impactando positivamente no retorno econômico mais sustentável para as famílias.



Organização:

Associação Cultural de Mulheres Negras | ACMUN

Título do Projeto:

Saúde da População Negra em Foco

Duração: 2015

Beneficiários: 200

Local: Porto Alegre – RS

Histórico da Organização:

A ACMUN trabalha pela valorização e na conscientização das mulheres negras desde 1994, com atuação no bairro da Restinga, região periférica de Porto Alegre. A entidade que tem eixo central a saúde das mulheres negras, foi pioneira no trabalho de DST/Aids, com foco na população negra, além das orientações sobre anemia falciforme.

O projeto:

O projeto Saúde da População Negra em Foco teve como objetivo a criação de materiais de apoio como cartilhas e DVD's para auxiliar na prevenção da saúde da população negra. O projeto desenvolveu-se em duas etapas para atender tanto ao profissional de saúde, quanto ao usuário do SUS. A etapa formativa foi distribuída em 8 (oito) grupos focais, com 10 (dez) participantes cada, formados por 50% de profissionais de saúde, enquanto os 50% restantes eram formados por usuá@r@s do SUS. Por fim, informou as pessoas sobre a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), elaborada para promover a saúde integral da população negra, por meio de visitas da equipe do projeto em bairros da periferia da Cidade priorizando a redução das desigualdades étnico-raciais, o combate ao racismo e à discriminação nas instituições e serviços do Sistema Único de Saúde (SUS).



Organização:
Centro Cultural Coco de Umbigada

Título do Projeto:
Brincadeiras de Terreiro

Duração: 2015
Beneficiários: 2.000
Local: Recife – PE

Histórico da Organização:

A Samba de Coco de Guadalupe é uma manifestação artística, que foi retomada no calendário cultural de Olinda, graças aos esforços do Centro Cultural Coco Umbigada e sua associação ao Ilê Axé Oxum Karê. A luta pela preservação desta atividade tem como marco 1988, ano de fundação do centro cultural. Atualmente uma parcela significativa do cenário cultural de Recife se mobilizou em torno da preservação da brincadeira do Coco, são artistas, educadores, gestores, Mestres Griôs e produtores culturais, e a agitação cultural nesta região também impactou a economia local, pois atrai um turismo cultural para esta localidade.

Este trabalho de valorização e preservação da memória da Brincadeira do Coco gerou o reconhecimento, em 2004, pelo Ministério da Cultura.

O projeto:

Em Pernambuco, é comum que se chame as festas realizadas por comunidades tradicionais de brincadeira. Da mesma forma, se chamam de brinquedos os ritmos musicais e danças associados a essas festas. Essas brincadeiras partem de comunidades tradicionais, em geral protagonizadas pelos terreiros e casas de axé e jurema sagrada.

As duas entidades parceiras deste projeto, o Centro Cultural Coco Umbigada e o Ilê Axé Oxum Karê foram responsáveis pela manutenção da regularidade das brincadeiras existentes em cada comunidade tradicional, uma vez que este tipo de celebração estava ficando cada vez mais reduzido ao período do carnaval e de festas juninas.

O objetivo deste projeto foi, a partir da experiência acumulada pela comunidade de Guadalupe em seus 16 anos de existência, fortalecer institucionalmente as outras comunidades tradicionais de matriz africana, com oficinas, multiplicando nas outras os saberes adquiridos para o seu fortalecimento econômico, técnico e social. Os encontros mantêm e reinventam os costumes tradicionais que reforçam os laços identitários e comunitários enquanto os colocam em posição de se relacionar com as transformações da sociedade.



Organização:

Centro de Estudos da Cultura Negra do Espírito Santo | CECUN

Título do Projeto:

Fortalecimento da implementação da Lei 10.639 por meio de preparação dos educadores

Duração: 2015

Beneficiários: 500

Local: Vitória – ES

Histórico da Organização:

O Centro de Estudos da Cultura Negra do Espírito Santo se dedica a construir saberes e materiais alternativos, diferentes dos autorizados no âmbito escolar, com o intuito de garantir a formação docente e discente para além dos conteúdos dos livros didáticos. Através de seminários e encontros com a temática das relações raciais e do povo negro, essas ações estão sendo construídas há mais de três décadas por ativistas comprometidos com a formação educacional e cidadã que atuam no Espírito Santo.

O projeto:

A Lei 10.639/2003 versa sobre a inclusão da História da África e do Negro no Brasil nos currículos da educação básica nas escolas brasileiras e completou mais de uma década, mas ainda precisava ultrapassar diferentes obstáculos para sua implementação, fruto do racismo estrutural que organizava a sociedade brasileira.

Este projeto contribuiu para a implementação da Lei, mobilizando a sociedade civil, além da construção coletiva de materiais para orientar educadoras e educadores frente aos desafios da Lei, buscando atingir cerca de 500 profissionais, para que os conteúdos das relações raciais e educação estivessem presentes, de forma transversal, em todos os planos de aula e projetos pedagógicos.



Organização:

Coletivo de Mulheres Negras do Mato Grosso do Sul
Raimunda Luiza de Brito | CMNEGRAS

Título do Projeto:

Curso de Capacitação de Políticas de Igualdade Racial para a Juventude Negra

Duração: 2015

Beneficiários: 300

Local: Campo Grande – MS

Histórico da Organização:

O CMNEGRAS Coletivo de Mulheres Negras do Mato Grosso do Sul Raimunda Luzia de Brito foi criado em 1995, a partir de um conjunto de iniciativas que tinham como meta empoderar as mulheres negras do Mato Grosso do Sul, mas também construir ações de alcance nacional, principalmente relacionadas ao genocídio da população negra jovem, que tem sido alvo demográfico do extermínio.

O projeto:

O Curso de Capacitação de Políticas de Igualdade Racial para a Juventude Negra atraiu jovens negras e negros para o debate sobre as relações raciais no Brasil, além do impacto que a falta de políticas públicas dos governos municipal, estadual e federal produziam diretamente nas vidas deste grupo, passando pela falta de oportunidades, pelas diferentes formas de exclusão e culminando nas altas taxas de mortalidade.

Esta iniciativa também conscientizou as(os) jovens participantes de seus direitos básicos, além da importância das ações afirmativas como ferramenta de empoderamento para este grupo de jovens.



Organização:
CRIOLA

Título Projeto:

Projeto MULTiversidade Criola Online | Criação de Plataforma Virtual de Ensino e Aprendizagem

Duração: 2015

Beneficiários: 150

Local: Rio de Janeiro – RJ

Histórico da Organização:

Fundada em 1992, Criola é uma organização conduzida por mulheres negras e tem como foco a promoção dos direitos das mulheres negras, adolescentes negras e meninas negras. Atualmente é uma das organizações de combate ao racismo, ao sexismo e à lesbofobia mais atuante no cenário nacional, além de parcerias internacionais, com o objetivo de promover melhorias para a condição de vida da população negra. É missão da organização contribuir para que valores como justiça, equidade e solidariedade façam parte da trajetória de vida das mulheres negras.

O projeto:

O Projeto MULTiversidade Criola Online - Criação de Plataforma Virtual atendeu as demandas atuais por dinamismo e agilidade com a mesma competência das formações presenciais, propondo a criação de uma Plataforma Virtual de Ensino e Aprendizagem para oferecer ferramentas e conteúdos que contribuíssem para a formação política e capacitação de ativistas, profissionais e gestores públicos. Partindo do princípio de autonomia de conhecimento, a plataforma disponibilizou uma ferramenta ágil, oferecendo conteúdos que possibilitassem novas estratégias de disseminação de ferramentas nas lutas antirracismo e na formulação e gestão de políticas públicas.

Organização:
Grupo de Mulheres Negras “Mãe Andresa” | GMNMA

Título do Projeto:
Projeto Mulheres Negras em Movimento

Duração: 2015
Beneficiários: 200
Local: São Luiz – MA

Histórico da Organização:

O Grupo Mulheres Negras Andressa possui 28 anos de atuação, capacitando mulheres negras frente às questões políticas, de saúde, combate ao racismo e ao sexismo, além do mercado de trabalho. A atividade da organização é toda voltada para o fortalecimento da autoestima das mulheres negras, através de diferentes dinâmicas e vivências.

O projeto:

O projeto Mulheres Negras em Movimento articulou três organizações de expressão no cenário das lutas antirracismo e sexismo no estado do Maranhão, que são: Grupo de Mulheres Negras Mãe Andressa, Centro de Formação para Cidadania Akoni e Grupo de Mulheres Negras Maria Firmina, juntamente com o sindicato de trabalhadoras domésticas e rurais, para mobilizar o maior número de mulheres ativistas maranhenses para participar da Marcha das Mulheres Negras em novembro de 2015, em Brasília (2015).

Foram articuladas oficinas com a finalidade de capacitar e ampliar o repertório de lutas destas mulheres. Entre os temas trabalhados destacam-se Gênero e Feminismo Negro direcionado a 45 jovens e Mulheres Negras oriundas da Regional Grande São Luiz. Já o tema Mulher Negra e participação no controle social, teve como público 30 mulheres da Regional Grande São Luiz, Médio Mearim, Baixada Ocidental e Oriental além das Rodas de Diálogos temáticos sobre gênero e identidade racial voltadas para 45 mulheres da regional Grande São Luiz.



Organização:

Grupo Ecológico e Cultural Tio Pac em parceria com a Cia Um

Título do Projeto:**Mulher, Negra, Catadora e Adoção**

Ano: 2015

Beneficiários: 400

Local: São Paulo – SP

Histórico da Organização:

As organizações voltadas para o ativismo social têm tido cada dia mais o compromisso em ressignificar a imagem cristalizada das periferias apenas como espaços vulneráveis. Com essa perspectiva, em 2002 foi criado o Grupo Ecológico e Cultural Tio Pac que passou a desenvolver ações transformadoras voltadas para a juventude negra, tendo como objetivo incentivar a participação da juventude negra na produção áudio-visual através da criação de ferramentas, fomentando cursos de empreendedorismo social em parceria com a Organização Não Governamental Ação Educativa, de São Paulo.

O projeto:

O projeto Mulher, Negra, Catadora e Adoção refletiu sobre o conceito de família, já que a contemporaneidade permitia várias combinações, todas tendo como eixo central o afeto. Tratando-se de famílias negras as possibilidades se ampliavam, tendo em vista a experiência da escravidão. Neste sentido, o projeto promoveu habilidades para a produção de um documentário para narrar a trajetória de vida de duas catadoras de resíduos sólidos na cidade de São Paulo.



Organização:
Grupo Mulher Maravilha | GMM

Título do Projeto:

Ações Afirmativas para a Autonomia das Comunidades Quilombolas do Pajeú

Duração: 2015
Beneficiários: 30
Local: Recife – PE

Histórico da Organização:

O Grupo Mulher Maravilha nasceu na periferia de Recife, mais precisamente no bairro de Nova Descoberta, em 1975, a partir do encontro de mulheres negras ativistas nas lutas sociais do bairro, mas também para provocar as reflexões em torno das relações de poder, discriminação, racismo e sexismo não só em termos locais, mas pensar estas questões nos âmbitos nacional e internacional. Com o aumento do volume das suas ações, foi percebida a necessidade de ampliar suas ações para o interior e chegaram ao sertão do Pajeú, quando foi criada uma filial em 2003, e passaram a trabalhar com comunidades quilombolas.

O projeto:

O objetivo do projeto Ações Afirmativas para a Autonomia das Comunidades Quilombolas do Pajeú foi realizar ações de fortalecimento institucional junto às associações quilombolas visando à regularização jurídica e formação em gestão democrática, para a garantia de direitos quilombolas numa perspectiva de gênero, raça e etnia.

O projeto promoveu encontros com as Associações Quilombolas do Pajeú para orientações quanto aos seus direitos e políticas específicas para essas comunidades, além de discutir, elaborar e apresentar às associações as alterações nos estatutos sociais às comissões eleitas nas comunidades quilombolas para acompanhar esse processo. Também prestou assessoria jurídica para a efetivação dos trâmites legais das Associações Quilombolas e registro dos estatutos sociais em cartório. Realizou ainda oficina com informações básicas em gestão democrática voltada para representantes das comissões e direções das Associações Quilombolas, que resultou em um manual com orientações sobre gestão democrática e informações de cidadania e direitos humanos.



Organização:
Instituto do Negro de Alagoas | INEG/AL

Título do Projeto:

Formando e Transformando: Empoderando Capoeiristas para a Promoção do Negro em Alagoas

Duração: 2015
Beneficiários: 20
Local: Maceió – AL

Histórico da Organização:

A união entre ativismo e academia reuniu cinco amigos universitários, em 2012, para que criassem o Grupo de Estudos do Negro em Alagoas (GENA), direcionado para reflexão sobre a presença negra em Alagoas. Com o avanço nas pesquisas e as demandas sociais, o grupo foi ampliado e hoje se denomina Instituto do Negro em Alagoas (INEG/AL).

O projeto:

O projeto Formando e Transformando: Empoderando Capoeiristas para a Promoção do Negro em Alagoas qualificou a formação dos praticantes e professores de capoeira, não somente nos fundamentos básicos, mas também em relação à história do negro no Brasil e na diáspora africana, para que eles se transformassem em agentes multiplicadores da lei 10.639/2003, tanto na condição de propositores, quanto no monitoramento da implementação da lei nas escolas públicas de Maceió. A aproximação do INEG/AL com a Federação de Capoeira de Alagoas (FECEAL) facilitou o diálogo com os mestres, instrutores e professores de capoeira para a realização deste projeto.



Organização:
Instituto Mídia Étnica

Título do Projeto:
Jovem Empreendedor Cultural

Duração: 2015
Beneficiários: 15
Local: Salvador – BA

Histórico da Organização:

O Instituto Mídia Étnica vem, desde 2005, desenvolvendo projetos para garantir acesso a ferramentas tecnológicas a grupos socialmente excluídos, especialmente a comunidade africano-brasileira. Sua missão é promover a diversidade racial nos meios de comunicação brasileiros e incentivar o uso das tecnologias de informação e comunicação por populações excluídas, assegurando que outras vozes possam ser ouvidas na sociedade. Por sua atuação dinâmica, o Instituto Mídia Étnica é hoje uma das principais organizações de mídia negra no país.

O projeto:

O projeto Jovem Empreendedor Cultural construiu possibilidades de geração de renda para jovens negros de periferia a partir de estratégias de empreendedorismo nas áreas de cultura, comunicação e entretenimento, buscando a sua aplicação nas comunidades para facilitar a compreensão de que as periferias são berços culturais informais. Esses produtores culturais informais organizavam semanalmente atividades de entretenimento, gastronomia e ludicidade em suas comunidades, como rodas de samba, bailes funks, "pagodões", serestas, bingos comunitários, feijoadas e festas nas lajes, mas não possuíam, em sua maioria, formação e técnicas em organização de eventos, ainda que apresentassem talento e poder de mobilização. Este projeto potencializou tecnicamente as capacidades que estes jovens já possuíam.



Organização:
ODARA | Instituto da Mulher Negra

Título do Projeto:

Yalodês: Ampliando os Direitos de Jovens Negras em situação de vulnerabilidade e construindo novos caminhos através da apropriação de ferramentas da comunicação para circular na WEB

Duração: 2015
Beneficiários: 30
Local: Salvador – BA

Histórico da Organização:

O ODARA - Instituto da Mulher Negra foi fundado em agosto de 2010. O ODARA é uma organização feminista negra com a missão de combater o racismo, sexismo, lesbofobia e buscar estratégias de garantia de direitos para o "Bem viver" das Mulheres Negras no nordeste. Além da busca permanente pela superação em nível pessoal e coletivo da violência racial e do preconceito, busca incessantemente alternativas que proporcionem a inclusão sociopolítica e econômica das mulheres negras e seus familiares na sociedade. A organização está estruturada a partir dos Programas, a saber: Programa de Direitos Humanos; Programa de Saúde; Programa de Inclusão Socioproductiva e Programa de Comunicação.

O projeto:

Através deste projeto incentivou a participação das mulheres e jovens negras à reflexão crítica das suas realidades, identificando as causas da sua exclusão/opressão e a percepção sobre o papel da mídia na produção de mensagens preconceituosas sobre elas.

A partir da Educomunicação, uma metodologia que associa as áreas de Educação e Comunicação, o projeto criou possibilidades de acesso, manuseio e apropriação de novas tecnologias para jovens negras, com o intuito de fortalecer a autoestima deste grupo com o empoderamento social e político. Além disso, estimulou as jovens e mulheres negras que participaram das atividades de formação se tornassem multiplicadoras nas ações de formação em novas tecnologias de comunicação, mobilização e promoção da garantia de direitos nas organizações de mulheres negras dos territórios de identidade no estado da Bahia.





GESTÃO ESCOLAR PARA EQUIDADE

Juventude Negra | 1ª edição

Para contribuir com a redução das desigualdades educacionais entre jovens negros e brancos ainda persistentes no Brasil, o Baobá – Fundo para Equidade Racial, o Instituto Unibanco e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com a colaboração técnica do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), lançaram, em 2014, o edital Gestão Escolar para a Equidade – Juventude Negra.

O objetivo da iniciativa foi promover a implementação de práticas de gestão escolar voltadas para a elevação de indicadores como acesso, conclusão, frequência, rendimento escolar, entre outros. A premissa foi que, para alcançar essa melhoria, seria necessária uma gestão escolar que planejasse, executasse e monitorasse medidas que criassem condições de equidade, apoiando a construção da identidade das(os) jovens negras(os) e contribuindo para a redefinição das relações raciais dentro da escola, por meio do reconhecimento da origem, da história e da cultura africana e afro-brasileira, que deveriam ser inseridas nos conteúdos curriculares e nos processos de ensino-aprendizagem.

O edital, voltado para escolas públicas de Ensino Médio e organizações sem fins lucrativos com interesse no tema, recebeu a inscrição de 124 projetos de todas as regiões do Brasil. Destes, foram selecionados 10 projetos, de 8 estados, com maior concentração na região Nordeste.

Organização:

Caixa Escolar Maurílio Ferreira Lopes em parceria com Escola Estadual Nair Mendes Moreira

Título do Projeto:**Projeto Equidade**

Duração: 2015

Beneficiários: 120

Local: Contagem – MG

Histórico da Organização:

A Escola Estadual 'Nair Mendes Moreira' completou 60 anos de fundação em fevereiro de 2017, atende atualmente um total de 926 estudantes, sendo 359 alunos e alunas no Ensino Médio. Em 1965 a instituição passou à rede estadual e mudou de nome, passando a ser denominada 'Escola Combinada do Bairro Praia', em referência à sua localização. Dezesesseis anos depois, em 1981, a escola recebe a denominação de 'Nair Mendes Moreira'. A instituição oferece educação do ensino Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O projeto:

A comunidade quilombola Arturos, na cidade de Contagem - um dos símbolos da resistência negra no Estado de Minas Gerais - é a localidade próxima à escola Estadual Nair Mendes Moreira, instituição que buscava sensibilizar a comunidade escolar sobre as relações étnico-raciais e a importância da valorização da cultura afro-brasileira e africana.

A literatura de autoria negra brasileira foi a ferramenta escolhida para desenvolver o protagonismo dos alunos da escola, que em 2017 completou 60 anos. Após a leitura de diversos autores, os jovens foram incentivados a produzir suas próprias narrativas e a motivação maior e o objetivo final foi a organização de um livro.

Para atingir a meta de desenvolver o protagonismo juvenil com sucesso, as metodologias utilizadas foram Agentes Jovens (protagonismo juvenil) e Entre Jovens (resgate de conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática) produzidas pelo Instituto Unibanco. A escolha garantiu acesso mais igualitário ao conhecimento, além de aumentar a qualidade e a proficiência educacional.

Organização:

Nuvem | ONG em parceria com Colégio Estadual São Francisco de Assis (Educação do Campo)

Titulo do Projeto:

Jovens líderes para a equidade racial

Duração: 2015

Beneficiários: 430

Local: Campo Largo - PR

Histórico da Organização:

O Colégio São Francisco de Assis está localizado no distrito de Três Córregos, no município de Campo Largo, há 44 quilômetros da cidade de Curitiba. A escola atende 390 estudantes, sendo 136 alunos e alunas do Ensino Médio, mas a instituição concorre com o mercado de trabalho na atenção destes jovens, que estão matriculados, e este é o principal desafio a ser superado.

A ONG Nuvem foi criada há três anos e tem como foco principal crianças, adolescentes, jovens e mulheres residentes nas periferias rurais e/ou metropolitanas das grandes cidades. Seus dois programas principais são: Programa Jovens Líderes e o Programa de acesso a jovens de baixa renda. O primeiro visa a formação para o empreendedorismo social e promoção de jovens protagonistas. O segundo busca dar acesso ao Ensino Superior a jovens de baixa renda.

O projeto:

O Colégio Estadual São Francisco de Assis e a Nuvem ONG construíram uma parceria para enfrentar um dos maiores problemas da região de Campo Largo, que era a evasão escolar. Este local possuía uma comunidade quilombola, mas a escassez de emprego e oportunidades estava afastando estes jovens do ambiente escolar.

Este projeto capacitou de maneira inovadora os jovens desta comunidade, integrando as demandas locais com processos de combate à exclusão e ao racismo no ambiente escolar. Para tanto, estes estudantes elaboraram projetos de intervenção com oficinas para que fossem agentes multiplicadores em sua comunidade e escola, construindo atividades que pudessem desenvolver a aprendizagem e impactar na evasão escolar, além da promoção de ações que garantissem equidade racial, de direitos e justiça social. Já os professores participaram de um curso de formação e tutoria para a comunidade e no espaço escolar, que garantiram uma mudança significativa no processo de aprendizagem e permanência na escola.



Organização:

Anarquistas contra o Racismo | ACR em parceria com Escola Estadual Rubens Arruda Ramos

Título do Projeto:**ONNIM: gestão escolar para a equidade racial**

Ano: 2015

Beneficiários: 47

Local: Criciúma – SC

Histórico da Organização:

A fundação da Escola Estadual Rubens de Arruda Ramos data de 1960 e foi construída na região de Criciúma com objetivo inicial de atender aos filhos dos operários das minas de carvão. A unidade escolar recebe alunas e alunos do Ensino Fundamental II e Médio, com aproximadamente 304 estudantes matriculados, sendo 205 alunos e alunas do Ensino Médio, distribuídos nos três turnos: matutino, vespertino e noturno.

Um dos grandes desafios da equipe de educadoras(es) é criar laços destes público com a escola, pois como unidade escolar, atualmente, recebe estudantes de diversas regiões, por isso a frequência e a continuidade da vida escolar tem sido uma demanda atual.

O projeto:

A Organização Não Governamental Anarquistas contra o Racismo em parceria com a Escola Estadual Rubens de Arruda Ramos, construiu um conjunto de atividades sobre direitos humanos e relações raciais, visando a formação de 30 jovens negras(os), além de curso de formação também direcionada a professores e técnicos sobre esta temática.

Com isso, houve aumento da conscientização e sensibilização de jovens negras(os) para a discriminação, preconceito e racismo, contribuindo para a elevação da autoestima do grupo. Já para as(os) professoras(es) e demais profissionais da escola, foi possível aumentar a percepção da dimensão racial na educação e a importância do combate ao racismo. Foram alcançados maior compreensão, sensibilização para o combate ao racismo, formando, assim, agentes ativas(os) e conscientes na luta pela igualdade racial.



Organização:
Escola Estadual Sebastião Gomes de Oliveira

Título do Projeto:
Gestão para equidade | Juventude Negra

Duração: 2015
Beneficiários: 1.200
Local: Apodi – RN

Histórico da Organização:

A Escola Estadual Sebastião Gomes de Oliveira, localizada no Distrito de Melancia, em Apodi, no Rio Grande do Norte, leva o nome do seu patrono, que mantinha uma escola em sua residência, desde o século XIX.

A escola iniciou suas atividades em 1939. O corpo docente sempre teve como meta a valorização da comunidade local, a cidadania, o desenvolvimento mais amplo das competências das(os) alunas(os), promovendo o aprendizado.

A instituição hoje abriga um total de 135 estudantes, sendo 50 alunas(os) do Ensino Médio.

O projeto:

A Escola Estadual Sebastião Gomes de Oliveira localiza-se próxima a uma comunidade remanescente de quilombolas, porém esta proximidade não resultou em um projeto pedagógico mais inclusivo da realidade local. Por isso, o projeto desenvolveu um conjunto de ações formativas sobre História da África e dos afro-brasileiros para todo o corpo escolar, além de ter incentivado a interdisciplinaridade entre os currículos de Ciências Naturais e Ciências Humanas do Ensino Médio.

Essa proposta sensibilizou gestoras(es) e professoras(es) sobre a importância da cultura afro-brasileira em atendimento às demandas da lei 10.639/2003, e a necessidade de construir referenciais positivos para a autoestima das(os) alunas(os). Também foi estimulada a reconstrução da história local, através do resgate dos saberes da comunidade quilombola da região.



Organização:

Associação Grãos de Luz em gestão compartilhada com a Associação Beneficente dos Pescadores do Remanso e em parceria com a Escola Centro Educacional Renato Pereira Viana

Título do Projeto:

Gestão para a equidade e Lei 10.639

Duração: 2015

Beneficiários: 40

Local: Lençóis – BA

Histórico da Organização:

A Cidade de Lençóis é um centro de ecoturismo importante no interior da Bahia, atraindo estrangeiros de distintas partes, além de turistas e investidoras(es) brasileiras(os), que já identificaram o potencial turístico da área. Porém, este desenvolvimento local não alcançou nem impactou positivamente as escolas locais. A evasão escolar, motivada muitas vezes pela falta de professoras(es), principalmente nas disciplinas relacionadas à área de Exatas, tem sido um desafio que as(os) educadoras(es) do Centro Educacional Renato Pereira Viana têm enfrentado.

A instituição atende 514 estudantes do Ensino Médio, a maioria de suas (seus) alunas(os) são de origem quilombola da comunidade do Remanso, e enfrentam em seu cotidiano um alto nível de repetência e evasão, além de baixo índice de aprovação universitária e pouca oferta de trabalho. A violência e o tráfico de drogas são situações que também rondam a rotina destas(es) jovens.

O projeto:

O Centro Educacional Renato Pereira Viana, a Associação Grãos de Luz e a Associação Beneficente dos Pescadores do Remanso construíram uma parceria para atuar no espaço escolar através de oficinas e espetáculos, selecionando 40 jovens atores e atrizes negras(os) na comunidade quilombola para estimular reflexões em torno das desigualdades raciais na região e no país. O projeto sensibilizou em torno de 2.000 estudantes, gestoras(es) e educadoras(es), e esta iniciativa constituiu, em parceria com as(os) jovens locais, uma comissão para monitorar o cumprimento da lei 10.639/2003 em seu espaço escolar.

Dessa maneira, obteve-se a efetivação da lei 10.639/2003 nos currículos das escolas de Lençóis, assim como maior conscientização das(os) jovens negras(os) e de toda a comunidade escolar para a necessidade de enfrentamento do racismo e da discriminação racial. Enquanto isso, as gestões juvenis passaram a atuar com ação e sensibilidade para fiscalizar e monitorar a aplicação da lei 10.639/2003 nas escolas.



Organização:
EEEP Marta Maria Giffoni de Souza

Titulo do Projeto
Pérola Negra 2015

Duração: 2015
Beneficiários: 460
Local: Acaraú – CE

Histórico da Organização:

A EEEP Marta Maria Giffoni de Sousa recebeu este nome em 2011, e com ele também uma sede reformada. Está localizada no município de Acaraú, ao norte do Estado Ceará, região de referência na pesca da lagosta. A escola hoje atende 465 estudantes do Ensino Médio.

A invisibilidade da presença da população negra na cidade é uma questão dentro e fora dos muros da escola, o que coloca como desafio para a equipe de educadoras(es) a inclusão das questões relacionadas à educação étnico-racial como temática estruturante dos conteúdos, garantindo assim, trabalhar com a autoestima das(os) estudantes negras(os).

O projeto:

A EEEP Marta Maria Giffoni de Souza identificou práticas de discriminação racial no cotidiano escolar e seus impactos no processo de ensino-aprendizagem das(os) alunas(os), assim como na evasão escolar. Para tanto, o diálogo com o corpo docente, gestoras(es) e educadoras(es) foi fundamental. Os profissionais envolvidos no projeto foram sensibilizados sobre a importância de uma educação antirracista, a inclusão da cultura afro-brasileira e africana no currículo atendendo as demandas da lei 10.639/2003. Com isso, as(os) profissionais da educação ficaram atentas(os) ao racismo, ao preconceito e à discriminação racial, tornando-se agentes na luta antirracista, mediando conflitos e conscientizando alunos e colegas professores desse problema no cotidiano escolar.

Como maneira de fortalecer o protagonismo juvenil e sua capacidade criativa, este projeto criou a Caravana da História e da Cultura Afro-Brasileira com oficinas, cursos de fotografia, pesquisas e formação de professoras(es). Com a Caravana, as(os) estudantes, sob a orientação de uma(um) profissional, foram multiplicadores desta iniciativa para outras escolas da região.

Assim, os componentes curriculares passaram a ser aplicados conforme a lei 10.639/2003 durante todo o ano letivo, e não apenas nas datas comemorativas.



Organização:

Escola de Ensino Fundamental e Médio Deputado Joaquim de Figueiredo Correia

Título do Projeto:

Jovem com orgulho em se afirmar negro

Duração: 2015

Beneficiários: 400

Local: Iracema – CE

Histórico da Organização:

A Escola Deputado Joaquim de Figueiredo Correia data de 1984, e nos primeiros anos de funcionamento a instituição atendia somente ao Ensino Fundamental. A comunidade escolar nasceu em função da garra e dedicação das primeiras professoras, que percorriam as comunidades locais em busca de alunas(os).

Atualmente, a Escola está em pleno funcionamento, atende 400 estudantes do Ensino Médio, e tem como missão promover uma educação de qualidade, inclusiva e multicultural, potencializando as competências das(os) alunas(os), contribuindo para a permanência das(os) estudantes na escola e sua qualificação para o mercado de trabalho.

O projeto:

A Escola de Ensino Fundamental e Médio Deputado Joaquim de Figueiredo Correia neste projeto fortaleceu o protagonismo estudantil dentro do espaço escolar. Para tanto, foram selecionadas(os) jovens negras(os) para garantir seus direitos à participação nos colegiados escolares, promovendo a visibilidade da liderança dessas(es) jovens no espaço escolar. Entre as atividades propostas, foram incentivadas a montagem de uma rádio, um grupo de teatro, um blog dedicado aos assuntos da comunidade afro-brasileira e outras ações por meio de mídias digitais, além de um concurso para a produção de um vídeo com o tema “Tenha orgulho de se auto afirmar Negro”.

Com essas atividades, melhoraram a autoestima e o orgulho da identidade negra das(os) jovens estudantes negras(os) nas escolas a partir da ocupação de posições de liderança e destaque em diferentes ações do cotidiano escolar. Além disso, obteve-se maior sensibilização contra o racismo e a discriminação racial, incentivos para a realização de concursos de vídeo, grupos de teatro, concursos literários e demais atividades culturais que valorizam a comunidade afrodescendente.



Organização:

Associação Remanescentes Quilombolas do Cigano (ARQUIC) em parceria com a Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Odilon Hiolanda Pontes

Título do Projeto:**Gestão escolar para equidade racial | Juventude Negra**

Duração: 2015

Beneficiários: 50

Local: Tracuateua – PA

Histórico da Organização:

A Escola Odilon Hiolanda está localizada em uma região que atende estudantes do Ensino Fundamental e Médio, de origem rural, quilombola e cigana. Esta presença, porém, criou para a instituição o desafio de como trabalhar a educação das relações étnico-raciais, para valorizar a autoestima destes grupos. Esta unidade escolar atende 370 estudantes, sendo 50 alunas e alunos do Ensino Médio, e possui um baixo índice de evasão escolar, mesmo estando em uma área de acesso precário.

O projeto:

A Escola Odilon Hiolanda Pontes em parceria com a Associação Remanescentes Quilombolas do Cigano, localizada em uma área com várias comunidades quilombolas, fomentou a valorização da história e da formação daquela região através da preservação da memória negra.

As(os) educadoras(es) envolvidas(os) no projeto atuaram em vários segmentos. Na parte de formação organizou-se um banco de dados sobre a comunidade, oficinas de fotografia, grupos de estudos para auxiliar as(os) estudantes no desempenho escolar, além das pesquisas sobre a história local.

O projeto impactou o Plano Municipal de Educação com a inclusão das diretrizes para Educação Quilombola e uma semana pedagógica que envolveu cerca de 800 funcionários municipais para o conhecimento do tema. Também estimulou comunidades quilombolas do entorno a se organizarem para participar de iniciativas como o edital que podem potencializar e dar visibilidade às ações das associações comunitárias locais. Por fim, foi realizado um festival de cultura afro-brasileira.

Assim, elevou-se a autoestima e obteve-se o reconhecimento da identidade negra quilombola na comunidade com o apoio de atividades culturais e de formação, valorizando o pertencimento local.



**Organização:**

Universidade Federal do Pará (UFPA) em parceria com a Escola de Aplicação da UFPA

Título do Projeto:

Cartografia de Cultura Afro-brasileira e indígena

Duração: 2015

Beneficiários: 120

Local: Belém – PA

Histórico da Organização:

A Escola Primária da Universidade Federal do Pará data de 1963, mas foi somente a partir de 2009 que se transformou no Colégio de Aplicação da UFPA.

A Escola de Aplicação da UFPA atende 1.491 alunos, sendo 400 alunos e alunas do Ensino Médio. Esta instituição tem um diferencial em relação a outros Colégios de Aplicação, pois seu acesso se destina tanto às(aos) filhas(os) de funcionárias(os) da Universidade quanto à população do entorno, em uma região de alta vulnerabilidade social. As(os) educadoras(os) envolvidas(os) nos projetos atuam na formação educacional destes jovens, além de incentivar atividades lúdicas e culturais que tenham como eixo a valorização da cultura negra.

O projeto:

O projeto Cartografia da Cultura Afro-brasileira e Indígena trabalhou a valorização da cultura afro-brasileira e africana com as(os) alunas(os) do Ensino Médio. O projeto contou também com a elaboração de materiais didáticos e pedagógicos, uma vez que a missão das(os) professoras(es) envolvidas(os) no projeto contemplou a disseminação dos conteúdos referentes à Lei 10.639/2003 em todas as disciplinas do âmbito escolar, realizando pesquisas em diferentes temas e componentes curriculares, além de atividades extraclasse que incluiu visitas as comunidades quilombolas da região. A experiência bem sucedida deste projeto, estimulou nas(os) profissionais envolvidas(os), as possibilidades de replicar esta iniciativa em outras escolas de Belém.

Organização:

Associação de Apoio do Colégio Estadual de Cristalândia em parceria com o Colégio Estadual de Cristalândia

Título do projeto:**Batuque**

Duração: 2015

Beneficiários: 120

Local: Cristalândia – TO

Histórico da Organização:

Cristalândia é uma pequena cidade com cerca de 7.000 habitantes, distribuídos entre as áreas rural e urbana, e nasceu em função da extração de cristais nos garimpos da região. O município está localizado no interior do estado mais novo do país, Tocantins, criado em 1988.

A Escola Estadual de Cristalândia foi fundada em 1960, antes da criação do estado, e é a única da cidade, atendendo a 679 estudantes, sendo 249 alunas e alunos do Ensino Médio, além do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos - em sua maioria oriundo dos assentamentos rurais e dos espaços urbanos de origem popular. O maior obstáculo enfrentado pela unidade é a carência de espaço.

O projeto:

O Colégio Estadual de Cristalândia reduziu os índices de preconceito e discriminação junto a suas(seus) estudantes, gestoras(es) e profissionais da escola, através de atividades sobre a História do Brasil, mas com ênfase no protagonismo negro rasurado da história oficial. Com esta atividade, foram atendidas as demandas da lei 10.639/2003, tanto com as(os) alunas(os) do Ensino Médio quanto com o grupo matriculado no EJA, já que a escola também atendia ao segmento de jovens e adultos, além do público do entorno da escola, com oficinas, palestras e exibição de filmes.

Após o término do projeto, o racismo e a discriminação racial passaram a ser enfrentados com mais sensibilidade no cotidiano escolar, valorizando o pluralismo étnico-racial brasileiro. Imagens de personalidades negras com ações em diferentes áreas foram incluídas nos componentes curriculares, assim como o protagonismo negro na História e constituição do Brasil. Por fim, a lei 10.639/2003 foi implementada em todos os segmentos, durante todo o ano letivo.





CULTURA NEGRO EM FOCO

Este edital foi lançado em 2016 com o intuito de apoiar por 12 meses 10 projetos a nível nacional que fossem desenvolvidos por empreendimentos culturais que promovessem a cultura e a identidade negras em suas mais diversas linguagens como moda, audiovisual, gastronomia, literatura, teatro, artesanato, serviços, dança e etc., a fim de potencializar a qualidade e/ou alcance da proposta.

Foram recebidas 900 propostas, com maior concentração na região Sudeste. Os projetos apoiados estão divididos entre as regiões Sudeste, Nordeste, Sul e Norte e buscaram contemplar a diversidade de linguagens artísticas existentes.

Organização:
KBRA PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA-ME

Título do Projeto:
Tá bom pra você?

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 230.402
Local: Rio de Janeiro – RJ

Histórico da Organização:

Com início das atividades em 2013, a KBRA, idealizada pelo ator Erico Brás e a atriz Kenia Maria, tem no Canal na plataforma Youtube, “Tá Bom Pra Você?”, sua maior realização. O projeto tem como objetivo desenvolver um espaço de análise e crítica à publicidade brasileira, a partir de paródias de comerciais publicitários famosos e que não incluem negros em suas apresentações.

Os conteúdos produzidos pelo canal “Tá Bom Pra Você?” têm servido inclusive como uma ferramenta didática para educadoras(es) de todo país, ao serem utilizados em salas de aula para aplicação da lei 10.639/2003 – que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. O canal foi contemplado com o Troféu Marinheiro João Candido, na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, em 2013, por sua atuação no combate ao racismo nas redes sociais, e com o Prêmio Raça, na Sala São Paulo, em 2015, pelos importantes serviços prestados à população negra.

O projeto:

O projeto incentivou a inserção do Negro na publicidade, contribuindo para o direito à representatividade da população negra. Propôs, também, a melhoria das qualidades técnicas do projeto “Tá Bom Pra Você?”, dando sequência ao trabalho já realizado na internet com a criação de novos episódios e o aumento das possibilidades do Canal, assim como a criação de uma campanha que ampliou o alcance desse produto. Essa iniciativa atende a uma demanda de materiais educativos para as escolas, uma vez que as(os) alunas(os) se sentiram representadas(os) nos episódios produzidos pelo canal, o que incentivou a reflexão das(os) alunas(os) a respeito do combate ao racismo e à discriminação nos comerciais da TV aberta.



Organização:
Associação Artística Nóis De Teatro

Título do Projeto:
12 Camburões contra a barbárie

Duração: 2016 -2017
Beneficiários: 2.400
Local: Fortaleza – CE

Histórico da Organização:

O grupo teatral Nóis de Teatro atua desde 2002 desenvolvendo projetos culturais na região do Território de Paz do Grande Bom Jardim, na periferia de Fortaleza (CE). O bom desempenho do grupo, nestes espaços específicos, possibilitou uma projeção nacional nesta modalidade de trabalho artístico com intervenção social, e a participação em diferentes encontros, festivais, além de ações em 18 estados brasileiros.

Os artistas e ativistas que integram o grupo Nóis de Teatro possuem ampla experiência estética de luta social. A pesquisa do grupo inspira performances de espetáculos de rua, e entre os espetáculos montados pelo grupo estão: “A Granja”, “Quase Nada”, “Todo Camburão Tem Um Pouco de Navio Negroiro”, além das performances anuais de intervenção urbana, “O Jardim das Flores de Plástico”.

O projeto:

O fato de Fortaleza ser a 12ª cidade mais violenta do mundo, conforme dados da ONG mexicana Conselho Cidadão para a Segurança Pública e Justiça Penal, inspirou o projeto “12 Camburões contra a barbárie”, que propôs a circulação do espetáculo “Todo Camburão Tem Um Pouco De Navio Negroiro” pelos 12 bairros mais violentos da cidade: Álvaro Weyne, Antonio Bezerra, Barra do Ceará, Bom Jardim, Jangurussu, Jardim Iracema, José Walter, Maraponga, Messejana, Mondubim, Passaré e Pirambu. O espetáculo falou sobre a violência contra a juventude negra que mora, em sua grande maioria na periferia, região que obriga a convivência com o medo da atuação de grupos de extermínio. Trazia também a discussão sobre desmilitarização da polícia e a política brasileira, bem como uma reflexão sobre a cultura negra, com elementos alegóricos e representativos do universo do movimento negro no Brasil, numa conexão direta de referência à mitologia dos Orixás.



Organização:
Black Brazil Art

Título do Projeto:
Convergência Negra

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 45
Local: Porto Alegre – RS

Histórico da Organização:

Desde 2011, a Black Brazil Art presta assessoria e consultoria em projetos diversos para pessoas físicas, jurídicas, ONGs, grupos e artistas, atuando em eventos, curadoria, elaboração de projetos culturais, cursos, palestras e captação de recursos. Realiza pesquisas e monta exposições em instituições nacionais e internacionais, assim como desenvolve pesquisas de temas como: arte afro-religiosa como patrimônio imaterial, cultura e arte afro-brasileiras.

O projeto:

O projeto “Convergência Negra” atuou em comunidades de baixa renda da cidade de Porto Alegre, formando equipes de Comunicadores Comunitários, compostas por jovens dessas comunidades, assim como os que se encontravam em cumprimento de medidas socioeducativas, contribuindo de forma direta para a melhoria da aprendizagem, redução da evasão escolar e do trabalho infantil. Esta iniciativa estimulou a criatividade e a participação dos jovens de comunidades vulneráveis em iniciativas no campo da tecnologia digital, fortalecendo a comunicação entre comunidades desta região. Com isso, possibilitou, por meio do uso das mídias, a criação de materiais que oferecessem visibilidade para as comunidades sob a ótica de seus próprios autores, de quem vivenciava esse cotidiano, revelando a diversidade e a linguagem dessa juventude a partir de conteúdos informativos e educativos divulgados em fanzines, jornais, blogs, documentários, vídeo-clips, programas de rádio e televisão comunitários.



Organização:
Fazendo Milagres Cineclube

Título do Projeto:
Cines Africanos Fazendo Milagres

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 40
Local: Jaboatão dos Guararapes – PE

Histórico da Organização:

Em atividade desde 2012, o Fazendo Milagres Cineclube é um coletivo de produção e exibição audiovisual, composto majoritariamente por mulheres, que participam de todo processo desde a realização ao protagonismo nos filmes.

Com a perspectiva de circulação, democratização do acesso a obras cinematográficas e formação de público para o cinema africano em cidades pernambucanas, o “Cines Africanos Fazendo Milagres” oferece, de forma gratuita, um ciclo de encontros em que são debatidos, temas como a representatividade da mulher e a diversidade de gênero.

O coletivo possui experiência em televisão, rádio e cinema, assessoria de imprensa, roteiro, atualização de site, apuração, edição de texto, direção de programas televisivos, direção e produção executiva para projetos culturais envolvendo audiovisual e artes visuais. É filiado à Federação Pernambucana de Cineclubes (FEPEC).

O projeto:

O projeto construiu um ciclo de formação que aproximou as(os) integrantes do projeto ao debate sobre o cinema negro e afrodiaspórico, refletindo sobre o lugar da população negra nestas produções, além de compreender, refletir e problematizar o lugar do cinema negro no mundo. Esse projeto estimulou a reflexão do lugar da população negra no cinema brasileiro, pois apesar de ter a segunda maior população negra no mundo, o cinema não retrata essa realidade. Além disso, com o intuito de estreitar os laços das relações Brasil e África, foi realizado um documentário sobre o continente africano através dos olhos do interior do Nordeste, que percorreu cineclubes, festivais e salas de aula. Com isso, motivou-se a realização e troca de saberes para além do eixo da Região Metropolitana de Recife.



Organização:
Crespinhos S/A

Título do Projeto:
Crespinhos S/A

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 30
Local: Rio de Janeiro – RJ

Histórico da Organização:

Idealizada por um casal de afroempreendedores do ramo de acessórios para crianças, a Crespinhos S/A nasceu em 2015, a partir da experiência bem sucedida de seus gestores no campo da moda ao perceber a lacuna na participação de crianças e jovens negros em eventos de moda e comerciais publicitários. A produtora atua em diferentes frentes, que possuem em comum o compromisso na inserção da população e da cultura negras na moda e na publicidade, com foco em crianças e jovens negros de 2 a 14 anos. Também fomenta e divulga o consumo de produtos e serviços feitos por afroempreendedores. Em dois anos de funcionamento, mais de 100 books de fotografias de crianças e jovens negros foram realizados, além da participação em eventos, programas de televisão e vídeo-clips.

O projeto:

O projeto tinha como objetivo ampliar a capacidade técnica da produtora para possibilitar o desenvolvimento de habilidades artísticas, comportamentais e culturais do seu elenco, assim como investir em equipamentos profissionais de última geração para a produção audiovisual, garantindo, assim, o (re)posicionamento da Crespinhos S/A no mercado publicitário.

A produtora promoveu encontros mensais com as 30 crianças e jovens negras(os) para desenvolver seus talentos com a orientação de 10 profissionais negras(os) das áreas de dança, teatro, contação de histórias, terapia capilar, entre outras, com o objetivo de empoderar as crianças e seus familiares e, por fim, chamar atenção para a necessidade da presença de negras(os) na mídia.



Organização:
Associação Move Cultura

Título do Projeto:
Fortalecimento da Rede de Afro empreendedores Culturais da Região Metropolitana de Belo Horizonte

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 248
Local: Contagem – MG

Histórico da Organização:

Fundada em 2008, a Associação Move Cultura é uma organização não governamental que utiliza a cultura como ferramenta para a inclusão social, promovendo atividades de formação, ações socioculturais, intervenções artísticas em espaços públicos, escolas e entidades parceiras.

A organização acredita na força do afroempreendedorismo, como ferramenta de valorização da cultura negra e de combate ao racismo. Uma de suas estratégias tem sido potencializar uma Rede Colaborativa, composta de diferentes atores sociais que estão localizados na Região Metropolitana de Belo Horizonte, em especial as (os) jovens negras(os), através de ações com foco na comunicação e no empreendedorismo.

O projeto:

O projeto Fortalecimento da Rede de Afro empreendedores Culturais da Região Metropolitana de Belo Horizonte teve como objetivo ampliar e fortalecer a Rede Colaborativa, protagonizada por jovens negras(os), através da realização de capacitações e elaboração de projetos nas áreas de Comunicação, Economia Criativa e Empreendedorismo.



Organização:
Associação Burlantins

Título do Projeto:

Negr.A | Coletivo de Negras Autoras

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 10
Local: Belo Horizonte - MG

Histórico da Organização:

A Cia. Burlantis foi criada em 1996 pelos artistas Marina Machado, Regina Spósito e Maurício Tizumba, desde então vem unindo música e teatro em seu repertório, se tornando um grupo de teatro com alcance nacional. Depois de um intervalo sem atuar, a companhia retorna realizando vários espetáculos, além de montar e idealizar a Mostra Benjamin Oliveira, em homenagem ao primeiro palhaço negro do país, que já se encontra em sua quarta edição, reunindo música, teatro e circo, além de várias oficinas propostas por atores e atrizes negras.

O ator Mauricio Tizumba também mantém o Espaço Cultural Tambor Mineiro, que mantém atividades permanentes sobre a cultura afro-mineira. Essas duas experiências artísticas agitam a cena contemporânea de Belo Horizonte. Desta junção nasceu o espetáculo Negr.A, que é formado por um coletivo de mulheres negras multiartistas unidas para criar um espetáculo a partir de suas próprias composições sobre o universo feminino negro contemporâneo brasileiro.

O projeto:

Este projeto aprimorou a qualidade técnica do Negr.A – Coletivo de Negras autoras, com o auxílio de outras(os) profissionais capacitadas(os) e sensíveis para a pluralidade artística e poética da mulher negra contemporânea, marcadas pelas influências da arte afro-mineira, além de montar espetáculo a ser apresentado ao final do projeto na cidade de Belo Horizonte.



Organização:
Casa Preta

Projeto:
Produtora Colaborativa Casa Preta

Duração: 2016
Beneficiários: 80
Local: Belém – PA

Histórico da Organização:

A Casa Preta é um centro de formação e produção cultural, de aprendizados e trocas de conhecimentos digitais, que tem como meta a promoção da igualdade racial e o combate ao racismo. Atua na periferia de Belém, nos bairros de Terra Firme e Canudos, e em redes solidárias com comunidades quilombolas rurais e urbanas de todo o país, se destacando como o primeiro centro produtor de conteúdo digital livre da Região Norte.

O projeto:

O projeto implantou a Produtora Colaborativa de Conteúdos Digitais Casa Preta para atuar com 80 jovens e adolescentes da periferia de Belém, disponibilizando acesso gratuito a suas atividades e oficinas de formação em conteúdos digitais, envolvendo oficinas de áudio, vídeo e licenciamento de conteúdos, além de rádio livre, assim como o aperfeiçoamento em software livres. Estimulou, ainda, a produção cultural realizada por essas e esses jovens, valorizando a autoestima e a cidadania, e o empoderamento da comunidade negra local. Por meio da produção cultural em software livre, no centro de formação e produção cultural foram realizados conteúdos digitais informativos de promoção da igualdade racial e de combate ao racismo.



Organização:
Bantu Cultural

Projeto:

"Jovem Afro - Antologia Literária"

Duração: 2016 - 2017

Beneficiários: 5.000

Local: São Paulo – SP

Histórico da Organização:

A partir da literatura afro-brasileira, a Bantu Cultural tem conseguido chamar atenção da juventude para a autoria negra brasileira e promover os ideais humanitários e de cidadania desde sua criação, em 2012. Atua com o coletivo Quilombhoje Literatura na promoção de eventos e em todos os processos da cadeia do livro afro-brasileiro, ou seja, na concepção, editoração e divulgação. Esta iniciativa é muito atuante na cena literária paulista, pois já promoveu saraus na Casa das Rosas – equipamento cultural público dedicado a diversas manifestações culturais, com enfoque em literatura e poesia, na cidade de São Paulo e com o Quilombhoje, promoveu a estrutura e o lançamento dos Cadernos Negros volumes 36, 37 e 38 – publicação anual, de poemas e contos em estilos diversos de escritoras(es) negras(os).

O projeto:

A Bantu Cultural publicou uma antologia de jovens escritores negros e três livros infantis e infanto-juvenis, além de permitir a formação adequada de crianças negras leitoras, com conteúdos de representação positiva, e que demonstrassem a diversidade racial brasileira. Para tanto, além de estimular a criação de negras(os) autoras(es), ofereceu livros que abordavam o pluralismo étnico-racial brasileiro e atendam as demandas das leis 10.639/2003 e 11.645/2008.



Organização:
Associação Comunitária do Assentamento Gurugi II

Projeto:
Grupo de Mulheres Unidas do Campo

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 25
Local: Conde – PB

Histórico da Organização:

Há trinta anos os moradores da Comunidade Negra Gurugi, um assentamento quilombola localizado ao sul do município do Conde, na Paraíba, fundaram sua associação comunitária. Este território está reconhecido pela Fundação Cultural Palmares desde 2006.

A atividade primária deste quilombo é agrícola, mas atualmente o turismo vem ganhando força na região, consequentemente, a gastronomia local e as manifestações culturais daquela localidade vão ganhando destaque.

As mudanças na região impulsionaram a criação do Grupo de Mulheres Unidas do Campo, que se organizou para produzir e comercializar seus produtos locais, gerando renda de forma sustentável.

O projeto:

O projeto fortaleceu o Grupo de Mulheres Unidas do Campo, composto por 25 mulheres, em duas frentes: auxiliando no aprimoramento das condições de produção e comercialização, e promovendo o protagonismo das mulheres negras como agentes de transformação social e disseminação da cultura negra local, com foco no etnodesenvolvimento na região. Com isso, buscou a manutenção e a disseminação da cultura e da gastronomia negra local, contribuindo para a geração de renda e sensibilização de turistas para atividades culturais e consumo de produtos feitos por esse grupo.

O projeto incrementou a identidade visual do grupo, com a intenção de valorizar os produtos, e contribuir para o empoderamento dessas mulheres, ao se reconhecerem na logo criada e a partir das atividades formativas sobre direitos das mulheres e identidade quilombola.





EMPODERA

O edital lançado em 2016 tinha como objetivo apoiar empreendimentos de mulheres, cujos negócios estivessem vinculados à cadeia produtiva do setor têxtil e de moda, que considerassem aspectos de sustentabilidade, com geração de impactos positivos para a sociedade e o meio ambiente, e o desenvolvimento de melhorias nos processos produtivos e nas condições de trabalho. Os projetos apoiados foram desenvolvidos em até nove meses.

O edital recebeu 157 propostas e aprovou 15 projetos de 8 Estados, com predominância na região Sudeste.

Esta é uma parceria entre o Instituto Lojas Renner, ONU Mulheres e Fundo Baobá.



Organização:

Associação Franciscana de Defesa de Direitos e Formação Popular | AFDDP

Título do Projeto:

Das Pretas do UNIAFRO

Duração: 2016 - 2017

Beneficiários: 30

Local: São Paulo – SP

Histórico da Organização:

A AFDDP foca suas ações na educação de jovens através de curso comunitário, tendo como objetivo capacitar a(o) jovem para o ingresso no ensino superior, assim como na realização de cursos de capacitação de mulheres negras, transformando-as em titulares de direitos para o exercício da cidadania.

O projeto:

O projeto implantou o Núcleo de Educação Popular e Economia Solidária, a fim de envolver mais mulheres na geração de trabalho e renda. Com isso, potencializou a capacidade de liderança e organização de 30 mulheres com qualificação profissional na área de serigrafia, bem como as preparou para o ingresso no mercado de trabalho através do processo de cooperativismo.

O projeto fortaleceu, ainda, a participação política e o protagonismo das jovens para a promoção dos direitos humanos das mulheres negras em suas comunidades, assim como a conscientização para a questão da violência de gênero étnico-racial e a busca de mecanismos que contribuíssem para a sua erradicação.

Organização:
Associação de Mulheres do Assentamento Cajueiro | AMAC

Título do Projeto:
Costurando Cidadania e Renda

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 30
Local: Poço Redondo – SE

Histórico da Organização:

A AMAC apoia ações de caráter produtivo e de melhoria da qualidade de vida das associadas e da comunidade em sintonia com a preservação ambiental. Considera o empoderamento feminino uma importante iniciativa para combater o machismo tão presente no sertão nordestino e, dessa forma, tornar as mulheres protagonistas das suas vidas.

O projeto:

O projeto Costurando Cidadania e Renda fortaleceu a mini-indústria gerenciada por mulheres com a instalação de maquinário novo, aumentando a qualidade e a quantidade da produção, além de ter incentivado a capacitação de mulheres e jovens que estavam inseridas nos empreendimentos de serigrafia, impressão, corte, costura e gestão.



Organização:
Associação das Mulheres Pintadenses | AMP

Título do Projeto:
Tecendo Sonhos

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 20
Local: Pintadas – BA

Histórico da Organização:

A Associação das Mulheres Pintadenses oferta produtos e serviços de capacitação no ramo de confecção, corte, costura e produção artesanal às suas associadas e grupos solidários que desenvolvem a produção têxtil, os quais fornecem ao consumidor final roupas masculinas e femininas, enxoval para bebê, moda praia, uniformes e similares.

O projeto:

Este projeto promoveu a inclusão social e econômica de mulheres em situações vulneráveis, garantindo-lhes a igualdade de gênero nos negócios através da inserção socioprodutiva no ramo têxtil. Buscou capacitar o grupo para aperfeiçoar o processo de confecção têxtil já existente, produzindo melhorias no acabamento das peças de vestuário, enxoval, moda praia, uniformes e acessórios, assim como alcançou o desenvolvimento local sustentável através da expansão da atividade têxtil e sua dinamização econômica. Esta iniciativa adquiriu, também, equipamentos para melhoria de infraestrutura e consolidou parceria com as lojas Renner, para exposição e vendas dos produtos em seus canais de distribuição.



Organização:
Assessoria & Planejamento para o Desenvolvimento -
ASPLANDE

Título do Projeto:
Mulheres Sempre Vivas Tecendo Solidariedade

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 60
Local: Rio de Janeiro – RJ

Histórico da Organização:

A ASPLANDE desenvolve-se a partir de três eixos: formação, assessoria in loco e articulação em rede para pequenas empreendedoras de comunidades e periferias da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Esta iniciativa atende 85 mulheres que possuem renda média de dois salários mínimos, que se autoidentificam como negras, fortalecendo e divulgando os empreendimentos na área de artesanato, gastronomia e moda.

O projeto:

Este projeto propôs a criação de uma linha de acessórios femininos, bolsas, bijuterias e moda confeccionada por 60 mulheres de baixa renda, moradoras da Zona Oeste do Rio, a partir da utilização da técnica de reciclagem, valorizando o artesanato local e a cultura de periferia. A iniciativa contou com a parceria da cooperativa popular Sempre Vivas, que nasceu da criação de um Fundo Solidário, para atender as necessidades do grupo, incentivando a sensibilização de gênero e a economia solidária.



**Organização:**

Associação Comunitária das Mulheres Quilombolas da Comunidade de Malhada Grande

Título do Projeto:

Produção agroecológica de algodão mulheres quilombolas tecendo autonomia

Duração: 2016 - 2017

Beneficiários: 69

Local: Catuti – Minas Gerais

Histórico da Organização:

As mulheres quilombolas cultivam distintos tipos de algodão como o branco e uma variedade, naturalmente tingidos. O ciclo produtivo deste produto envolve a fiação do algodão o tingimento a partir de pigmentos naturais de plantas nativas, a tecelagem, a elaboração e a confecção de peças, o acabamento e, por fim, exposição em eventos da área têxtil.

A Associação pretende alcançar o maior número possível de clientes já sensibilizados ao consumo consciente, que valorizam um processo produtivo que estimule a manutenção da cultura, da tradição e da identidade quilombola, a produção agrícola livre de agrotóxico e transgenia, e compreendam o quanto produtos com estes valores agregados, contribuem para potencializar as relações de gênero no campo.

O projeto:

O projeto qualificou a tecelagem e a melhoria das condições de trabalho das mulheres quilombolas através da compra de equipamentos para a tecelagem do algodão, assim como aquisição e instalação de um kit de irrigação para áreas de plantios diversificados, proporcionando a produção de algodão agroecológico, como alternativa para superar as dificuldades ocasionadas pelas secas prolongadas. Esta iniciativa também focalizou na qualificação da identidade visual dos produtos, e a criação de oficina para divulgação e comercialização de produtos que foram vendidos em feiras locais e de economia solidária, assim como incentivou a troca de experiências entre as quilombolas.

Organização:
Associação Polo de Moda da Serra Gaúcha

Título do Projeto:
Artesanato e Design: Empreendedorismo e Economia Criativa

Duração do Projeto: 2016 - 2017
Beneficiários: 40
Local: Caxias do Sul – RS

Histórico da Organização:

A Associação Polo de Moda da Serra Gaúcha atua como facilitadora na construção de programas e projetos do Arranjo Produtivo Local (APL) Polo de Moda da Serra Gaúcha – Setor Têxtil e Confecções, assim como faz a articulação com as instituições representativas da Cadeia Produtiva.

A Associação forma uma rede de empresas, na sua maioria de micro e pequeno porte, nos mais variados segmentos, tais como ateliês de bordados, crochês e outros trabalhos manuais, acessórios, aviamentos, malharias retilíneas e circulares.

O projeto:

Inovou e gerou renda para as artesãs através da valorização do saber destas mulheres e da qualificação do artesanato local destacando os aspectos estéticos, criativos e funcionais das peças por meio da integração com a assessoria de um designer experiente. Assim, valorizou a identidade regional, aliando a tradição do artesanato com a inovação, preservando a cultura artesanal, motivando as novas gerações para a riqueza do artesanato e o desenvolvimento da economia criativa. Para isso, desenvolveu e aprimorou artesanatos regionais realizados por 40 artesãs, que foram multiplicadoras, incentivando a indústria criativa e empreendimentos individuais/cooperativados, além da oportunidade de reutilizar resíduos têxteis com criatividade.



Organização:
Centro Comunitário Beneficente dos Moradores de Salema

Projeto:
Mulheres das Águas de Salema

Duração: 2016 - 2017

Beneficiários: 30

Local: Rio Tinto – PB

Histórico da Organização:

Criado em 1993, o Centro Comunitário Beneficente dos Moradores de Salema acredita na elevação de renda das mulheres como uma forma de promoção e garantia dos seus direitos, e de sua emancipação numa sociedade discriminatória. Atua para que a mobilização das mulheres promova atividades de enfrentamento às desigualdades sociais, tal como a luta pela água.

O projeto:

O projeto Mulheres das águas de Salema promoveu a qualificação e a inserção profissional de 30 mulheres através da Coleção Moda Praia “Mulheres das Águas de Salema”, empoderando-as cultural e economicamente. Para tal, foram realizadas oficinas de sensibilização sobre gênero e consciência ecológica, além de relações interpessoais e economia solidária. O projeto realizou o planejamento participativo e oficinas de técnica de produção têxtil, crochê, serigrafia e sacolas plásticas para a multiplicação de aprendizado no segmento de moda praia.



Organização:
Centro de Formação Padre Vigne

Título do Projeto:
CosturART

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 50
Local: Feira de Santana – Bahia

Histórico da Organização:

O Centro de Formação Padre Vigne tem por finalidade a promoção humana, dando oportunidade para o seu desenvolvimento social, cultural e econômico, pois acredita ser uma maneira de alcançar independência de forma justa com o incentivo ao empreendedorismo, gerando oportunidades para que as pessoas sejam agentes transformadores das suas realidades socioeconômicas.

O projeto:

Através de cursos de corte, costura, confecção de acessórios e artesanatos para as beneficiárias residentes nos bairros periféricos da cidade de Feira de Santana, o projeto promoveu cursos de qualificação para mulheres em situação de vulnerabilidade social, visando autonomia financeira com igualdade para competir com o mercado de trabalho, gerando emprego e renda. Criou, ainda, um Feirão de Moda, capacitando as beneficiárias, para interagir com empresas e nomes renomados do segmento.



Organização:
Cooperativa Central Justa Trama

Título do Projeto:
**A trama justa da moda que inclui:
costureiras, artesãs e sustentabilidade**

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 600
Local: Porto Alegre – RS

Histórico da Organização:

A Cooperativa Central Justa Trama atua há 10 anos no segmento de moda sustentável com a intenção de se tornar referência nacional e internacional de cadeia produtiva integrada de fibras ecológicas, promovendo o desenvolvimento local ambiental e socialmente sustentável.

A Cooperativa segue a composição da rede de economia solidária, formada, em sua maioria, por trabalhadoras do sexo feminino e autogestoras.

O projeto:

O projeto capacitou costureiras e artesãs para incentivar a criação de coleção de roupas e brinquedos com algodão orgânico certificado 2016-2017, assim como a criação de plataforma de venda digital ágil e eficiente. Ao final, realizou um desfile da coleção em um grande evento.



Organização:
Cooperativa Mista Solidária de Chapecó Coopersol

Título do Projeto:
**Viabilidade e Fortalecimento do
Empreendimento Têxtil de Chapecó Coopersol
Confecções**

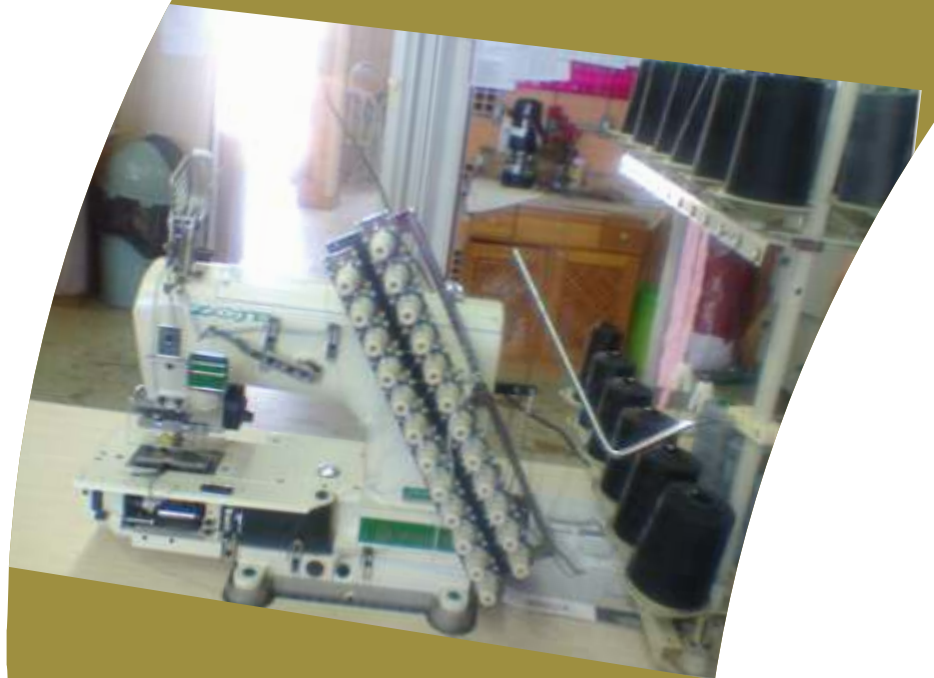
Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 16
Local: Chapecó – SC

Histórico da Organização:

A Cooperativa Mista Solidária de Chapecó Coopersol atua conforme as práticas da Economia Solidária, buscando a inclusão social, especialmente a de mulheres em situação de desemprego e fora do mercado de trabalho, valorizando o seu potencial de gerenciar e comandar o seu próprio negócio através do trabalho coletivo, da autogestão e da justa distribuição dos seus produtos.

O projeto:

O projeto equipou a Cooperativa com máquinas eletrônicas de costura para melhoria da qualidade da produção e redução de custos; qualificou as cooperadas e futuras cooperadas por meio de cursos profissionalizantes juntos às instituições de ensino na área (técnico em marketing e modelagem em tecido plano). Melhorou e capacitou , também, o setor de vendas para aumentar e expandir a área de atuação no mercado e, por conseguinte, a renda das cooperadas.



Organização:
Instituto de Cultura e Consciência Negra
Nelson Mandela

Título do Projeto:
UP cycling! Uso Diferente, Consumo Consciente

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 20
Local: Rio de Janeiro – RJ

Histórico da Organização:

O Instituto Nelson Mandela motiva mulheres em privação de liberdade a conhecerem suas habilidades a partir do aprendizado e da capacitação profissional. Propõe o empoderamento como autoconhecimento do corpo com o espaço para sua sexualidade, sua etnia, superação de traumas, valorização da autoestima e ressocialização.

O projeto:

A partir da confecção de novos produtos sustentáveis e cíclicos no ramo de moda unissex para o consumidor, este projeto incentivou a ressocialização de 20 internas em regime semiaberto do Instituto Penal Oscar Stenvenson, por meio da capacitação para reciclar roupas aproveitando resíduos de tecidos, aviamentos e materiais que pudessem formar novas peças. Inspirado no up cycling, esse processo desenvolveu-se em três etapas: implementação e inauguração do espaço de moda social; formação profissional de 20 beneficiárias; e doações de roupas e customização das peças.



Organização:
Pró Rei Associação Comunidade Projeto para Reintegração de Vidas

Título do Projeto:
Despertando a Empreendedora

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 40
Local: São Paulo – SP

Histórico da Organização:

Tendo como objetivo a aquisição de autonomia e liberdade, o Instituto Pró Rei visa beneficiar e empoderar financeiramente mulheres periféricas por meio do empreendedorismo na região do Campo Limpo, extremo Sul de São Paulo.

Sabe-se que muitas vezes a mulher é responsável pelo orçamento familiar, logo, quanto maior a sua renda, melhor a vida dos filhos e dela também. Em razão disso, os serviços prestados buscam gerar renda, como cursos de artesanato em bijuterias, reciclagem de tecidos, tricô, crochê, tear de pregos, fuxico e customização.

O projeto:

A partir do empreendedorismo em territórios populares, este projeto gerou novas fontes de renda para mulheres negras e periféricas, tendo na utilização de maquinário para produção têxtil uma forma de desenvolvimento de habilidades específicas para empreender no segmento da moda.



Organização:
Martimar Planejamento Promoção Artística e Cultural LTDA ME

Título do Projeto:
Nós Afrotropical | Protagonismo de Mulheres Negras

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 30
Local: Rio de Janeiro – RJ

Histórico da Organização:

A Martimar Produções forma parcerias institucional e financeira com organizações que apoiam e valorizam o empoderamento de mulheres para a construção de uma sociedade igualitária.

Promove projetos socioculturais para resgate, valorização e preservação da cultura afro-brasileira em suas mais variadas linguagens, como patrimônio imaterial protagonizado por negros através de shows musicais, saraus literários, histórias, personalidades, danças etc.

O projeto:

A Katuchita Etnias está localizada no Morro do Vidigal, onde seleciona moradoras e promove oficinas de empoderamento de mulheres, valorização da cultura afro-brasileira e empreendedorismo com oficinas de capacitação em corte e costura, modelagem, produção de moda, produção de acessórios com material reciclável, estamparia artesanal e estamparia digital, fotografia, curso básico de redação e modelo/manequim.

O projeto promoveu um editorial de moda 100% produzido pelas alunas, com distribuição local gratuita. Ofereceu ainda oficinas de qualificação para que mulheres do Morro do Vidigal pudessem ter uma visão empreendedora, bem como gerou oportunidades específicas para a comunidade, tais como o reaproveitamento do lixo e o uso sustentável de materiais.



Organização:
Associação Beneficente São José | PROJARI

Título do Projeto:
Fio da Esperança

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 15
Local: Guaíba – RS

Histórico da Organização:

A Associação Beneficente São José é uma entidade beneficente de assistência social, sem fins lucrativos, que promove a assistência social, a educação, a cultura, o esporte e o lazer. Sua missão é ser referência na formação integral do ser humano, valorização da vida e na construção da cidadania, pautada em valores éticos e morais.

O projeto:

Este projeto preocupou-se com a população carcerária feminina, que representa 6,4% da população carcerária do Brasil. Estudo do Conselho Nacional de Justiça revela que a maioria das mulheres presas no país (68%) é negra. Atualmente, na Penitenciária Feminina de Guaíba há 298 presas. Propôs-se a qualificação de 15 apenas com um curso de corte e costura e criação de uniforme conforme especificidades do gênero, promovendo conhecimento de modelagem para uniformes, resgate da autoestima, valorização da condição feminina, geração de trabalho e renda, e assim contribuiu para remissão da pena. Após o curso, o maquinário foi doado às detentas para que pudessem dar continuidade à iniciativa.



Organização:
Instituto Asta | Rede Asta

Título do Projeto:
Re-costura

Duração: 2016 - 2017
Beneficiários: 20
Local: Rio de Janeiro – RJ

Histórico da Organização:

O Instituto Asta é uma rede feminina e entende que quando a mulher se empodera, a família se empodera. Trata-se de um negócio social que leva aos consumidores produtos de design feitos a mão por grupos produtivos de baixa renda. Sua missão é o empoderamento da mulher artesã e costureira e de seus pequenos negócios, por meio de treinamentos, formação de redes e venda.

Como alternativa a um problema ambiental, propõe a transformação de uniformes usados em produtos de design. Com isso, espera-se aumentar o portfólio de soluções inovadoras(es) de up cycling e a resolução de dois problemas: ambiental e social, este com o aumento da renda das costureiras associadas.

O projeto:

O projeto firmou parceria com o IED (Istituto Europeo di Design) para desenvolver técnicas de transformação do resíduo em peças de alto valor agregado. Além disso, ofereceu treinamento especializado para 02 grupos de costura (Grupos Mestres) e formou uma rede de produção com outros grupos de costura. Com isso, criou portfólio e realizou a venda dos produtos elaborados para empresas brasileiras que quisessem transformar seus uniformes em presentes ou brindes corporativos. Sendo assim, formou uma rede produtiva de grupos de costureiras especializadas no reaproveitamento criativo de resíduos de uniformes industriais.





GESTÃO ESCOLAR PARA EQUIDADE

Juventude Negra | 2ª edição

Assim como a primeira edição, o II Edital Gestão Escolar para a Equidade – Juventude Negra, lançado em outubro de 2016, contribuiu para o desenvolvimento e a implementação de práticas inspiradoras de gestão escolar que buscasse elevar os resultados educacionais dos jovens negros e negras na rede pública de Ensino Médio. O objetivo era identificar, reconhecer e acompanhar projetos com foco na gestão que se propusessem a enfrentar de forma criativa as desigualdades raciais no ambiente escolar e promovessem a melhoria da qualidade da educação dos jovens negros e negras.

Desenvolvido pelo Baobá – Fundo para Equidade Racial, pelo Instituto Unibanco e pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), esta edição também foi direcionada a escolas públicas de Ensino Médio e Organizações Sociais legalmente formalizadas com comprovada atuação na área da Educação e superação das desigualdades raciais.

Foram recebidas 184 propostas e 10 projetos aprovados de 7 Estados, com predominância na região Sudeste.

Organização:

Escola Estadual Profª Carmosina Monteiro Vianna

Título do Projeto:**Revirando Memórias: com a palavra, jovens negr@s e periféric@s de São Paulo**

Ano: 2017

Beneficiários: 40

Local: São Paulo – SP

Histórico:

Inaugurada em 1967, a Escola Estadual Profª Carmosina Monteiro Vianna, localizada na cidade de São Paulo (SP), promove o protagonismo dos seus estudantes, sendo reconhecida pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo com o Prêmio Jovens Escritores 2011, ocasião em que os trabalhos selecionados enfatizavam a obra de Jorge Amado. Os docentes dessa unidade escolar também estimulam rodas de conversa e saraus literários com temas que priorizam as minorias, além de abordar, nas salas de aula, as relações raciais em parte das disciplinas e promover eventos durante o dia da Consciência Negra.

O projeto:

A partir dos dados do Mapa da Violência 2016, constata-se que 77% das(os) jovens assassinadas(os) no país são negras(os). As(os) jovens negras(os) da comunidade onde a escola está situada sofrem com os altos índices de violência, o que motiva a evasão escolar desse segmento. Sendo assim, o projeto Revirando Memórias: com a palavra, jovens negr@s e periféric@s de São Paulo possibilitou condições para visibilizar a discussão em torno da violência por meio de rodas de conversas, produções de vídeos e reportagens on line nas quais as(os) jovens negras(os) foram protagonistas dos seus discursos, propuseram ações para ampliar o debate na escola e na comunidade, visando o combate ao racismo e à violência contra a juventude negra, assim como promoveram o respeito à diversidade racial. A metodologia utilizada foi a educomunicação, que relacionou as áreas de educação e comunicação, com a produção de materiais que circularam nas redes sociais favorecendo, às(aos) jovens participantes, a prática da liberdade de expressão do direito à comunicação e da cidadania, além de veicular material social, cultural e político capazes de agregar e conscientizar outras(os) jovens.



Organização:

Instituto do Negro de Alagoas | INEG/AL, em parceria com a Escola Estadual Deputado Rubens Canuto

Título do Projeto:

Protagonismo Negro: embates no cotidiano escolar

Ano: 2017

Beneficiários: 1.504

Local: Maceió – AL

Histórico:

O Instituto do Negro de Alagoas (INEG/AL) vem desde sua criação, em 2012, atuando de forma intensa e direta em diferentes instituições protagonizando o debate em torno da criação de políticas públicas de promoção do negro no estado de Alagoas, tais como a criação da Comissão Estadual da Verdade da Escravidão Negra em Alagoas e a Comissão Cotas na Pós/UFAL .

O projeto:

Sabe-se que na maioria das escolas brasileiras a discriminação racial e o preconceito são corriqueiros, e em muitos casos as(os) negras(os) sofrem com a insensibilidade e despreparo de parte de professoras(es) e gestoras(es) escolares para solucionar conflitos, ou até mesmo a falta de ação das(os) jovens que são atingidas(os) por esses casos. Esse quadro de ausência de enfrentamento ao racismo estimula a falta de punição ou que casos assim sejam considerados como problemas menores. Como outras instituições de ensino, a Escola Estadual Deputado Rubens Canuto trata da temática racial apenas no mês de novembro, em razão do dia da Consciência Negra, e não aborda essa temática ao longo do ano nem a inclui em seu projeto político-pedagógico, assim como não há um recorte étnico-racial para a análise da trajetória das(os) alunas(os) negras(os), ainda que negras(os) e pardas(os) sejam maioria.

Diante desse cenário, o projeto Protagonismo Negro: embates no cotidiano escolar desenvolveu ações de promoção da equidade e de respeito à diversidade étnico-racial na escola e na comunidade do seu entorno. Para isso, o projeto envolveu alunas(os), professoras(es), setor administrativo e comunidade para que o projeto político-pedagógico fosse modificado e incluísse referenciais de empoderamento para as(os) estudantes negras(os), alteração na convivência social a partir de uma perspectiva antirracista e inclusão de atividades culturais em um calendário anual que oferecesse protagonismo à cultura negra e à questão racial.



Organização:
CIEP 173 RAINHA NZINGA DE ANGOLA

Título do Projeto:
Um olhar para a consciência

Ano: 2017 e 2018
Beneficiários: 800
Local: Rio de Janeiro – RJ

Histórico:

Criado em 1993, o CIEP 173 Rainha Nzinga de Angola é uma unidade escolar de ensino médio localizada em uma região precária, próxima ao rio Acari e a um lixão, recebendo alunos de uma comunidade de baixo nível econômico, filhas(os) de trabalhadoras(es) precarizadas(os) e, em alguns casos, ligadas(os) ao tráfico de drogas e outras atividades criminais. Em seu projeto político-pedagógico, o CIEP 173 procura transmitir valores morais e sociais para construção de respeito ao próximo, que evitem a evasão escolar, fazendo da escola um espaço de consciência crítica a partir de uma educação de qualidade para as(os) suas(seus) alunas(os).

O projeto:

Na história do Brasil, as(os) negras(os) sofrem com a discriminação e o preconceito desde o sistema escravocrata, sendo incorporado estereótipos no imaginário e no discurso social. A partir dessa percepção, a unidade escolar criou o Projeto “Um olhar para a Consciência” em 2014, tendo como estímulo um debate sobre a redução da maioria penal, momento que surgiram diferentes relatos das(os) alunas(os) de como foram atingidas(os) pelas diversas formas de racismo e pela violência policial na comunidade local. Com isso, reuniram-se alunas(os), professores(as) e gestão escolar para refletir questões sobre as(os) negras(os) na sociedade, aproveitando o espaço escolar como lugar para desconstrução do racismo, baseando-se na Lei 10.639/2003, alterada pela Lei 11.645/2008, que inclui o estudo da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena em todo o âmbito escolar. Sendo assim, o projeto manteve a promoção do respeito à diversidade étnico-racial e combate ao racismo na escola realizando formações continuadas para professores, alterações no currículo escolar privilegiando a diversidade cultural, debates sobre a lei 10.639/2003, feitura de um censo escolar, análise da representação da(o) negra(o) nos livros didáticos, valorização da cultura afrodescendente e a reflexão e o conhecimento sobre a(o) negra(o) na sociedade brasileira.



Organização:
Criola em parceria com Instituto de Educação Carmela Dutra

Título do Projeto:

Meus cabelos enrolados me fazem refletir...
(Narrativas sobre o racismo e o sexismo nas escolas a partir da estética do cabelo!)

Ano: 2017 e 2018
Beneficiários: 300
Local: Rio de Janeiro – RJ

Histórico:

Desde 1992, Criola procura promover os direitos das mulheres negras, orientando essas mulheres, meninas e adolescentes negras para o combate ao racismo, lesbofobia, transfobia e sexismo. Para a melhoria das mulheres negras e de todos os negros, Criola busca contribuir para uma sociedade que foque em eixos como justiça, equidade e solidariedade.

O projeto:

O Instituto de Educação Carmela Dutra localiza-se no bairro de Madureira, no Rio de Janeiro, sendo referência no estado em razão do seu curso de formação de professores. O corpo discente hoje é feminino (90%), negro (70%) e de famílias carentes de comunidades próximas à escola. Muitas dessas mulheres negras usam seus cabelos naturais, mas nem sempre com uma reflexão crítica ao racismo e de empoderamento que essa mudança estética poderia estimular. Sabe-se, por meio de estudos acadêmicos e de pesquisas de organizações de defesa dos direitos humanos, que as escolas são áreas de atuação do racismo e de manutenção do preconceito e da discriminação racial.

Sendo assim, este projeto foi desenvolvido com a participação de professoras(es) e atuou a partir da questão estética do cabelo natural para promover o debate sobre racismo, sexismo, fobias LGBT, estética e defesa de direitos com a realização de 28 oficinas para construção de narrativas pessoais e coletivas tendo o apoio e o uso de recursos multimídias, culminando com um festival multimídia aberto à comunidade. O projeto envolveu, ainda, toda a equipe escolar e a comunidade do seu entorno, tornando-as agentes conscientes e capazes de combater o racismo e demais formas de discriminação.





Organização:

Núcleo de Desenvolvimento Social | NDS em parceria com Escola Estadual Myriam Coeli Ensino de 1º e 2º grau

Título do Projeto:

Cacimba Potiguar

Ano: 2017

Beneficiários: 70

Local: Natal – RN

Histórico:

Fundada em 2001, o Núcleo de Desenvolvimento Social é uma renomada organização com atuação na formação continuada de professores da rede estadual do Rio Grande do Norte, além de ações em áreas culturais, sociais e econômicas na criação de programas e projetos que privilegiam crianças, adolescentes e jovens norte-rio-grandenses.

O projeto:

O Projeto Cacimba Potiguar motivou-se a partir de relatos do corpo docente e das(os) alunas(os) da Escola Estadual Myriam Coeli sobre diferentes causas para a evasão escolar, como as discriminações por crença religiosa, orientação de gênero e raça, ainda que a gestão escolar efetuasse punições, mas que não geravam mudança de comportamento de parte das(os) punidas(os).

Para atingir seu objetivo, o projeto usou a metodologia da educomunicação para promoção de combate ao racismo e à discriminação na escola em ações com o corpo docente e as(os) alunas(os) do 1º e 2º ano do Ensino Médio. Também formou dois grupos de 35 alunas(os) multiplicadoras(os) que foram instruídas(os) em direitos humanos, relações étnico-raciais, respeito às relações de gênero e diversidade religiosa integrados a uma formação para elaboração de conteúdos em diferentes disciplinas com ênfase nas relações étnico-raciais na escola e destinados a diferentes mídias. Já as(os) professoras(es) e a gestão escolar receberam formação voltada à justiça restaurativa, como forma de combate ao racismo na escola.



Organização:
Escola Estadual de Ensino Médio Belo Porvir

Título do Projeto:
Nos Varadouros da Equidade Racial

Ano: 2017
Beneficiários: 660
Local: Epitaciolândia – AC

Histórico:

A Escola Estadual de Ensino Médio Belo Porvir foi inaugurada em 2013, no município de Epitaciolândia, no Acre. É a única escola de Ensino Médio no município, razão pela qual recebe alunas(os) de diversos bairros, inclusive alunas(os) bolivianas(os). Suas atividades incentivam a reflexão e o questionamento das(os) estudantes, buscando torná-las(os) adultas(os) críticas(os) e conscientes da sociedade em que vivem. Com isso, a prática pedagógica procura estimular princípios que tratam do respeito ao próximo, aceitando as diferenças, incentivando a interdisciplinaridade a partir do diálogo entre as disciplinas, focalizando na presença das(os) negras(os) no Brasil, inserindo essa temática nos conteúdos curriculares e em oficinas que abordem a negritude, o racismo e o preconceito.

O projeto:

Este projeto fundamentou suas ações na promoção da equidade racial a partir de uma gestão escolar sensível a esta perspectiva, estimulando o diálogo, a convivência e o respeito ao outro e à diversidade com suas características sociais e culturais, privilegiando o coletivo acima do individual. Na unidade escolar havia ausência de sensibilidade do corpo docente e da gestão para a necessidade da equidade racial no ambiente escolar, inclusive para análise e prática do conteúdo pedagógico, o que também acontecia com as(os) alunas(os) negras(os), quando muitas(os) não se autodeclaravam, mas precisavam ter a autoestima elevada, protagonismo e melhor desempenho acadêmico e no convívio social. Essas mudanças foram possíveis em razão da contribuição da inserção da questão racial em diferentes disciplinas, assim como na construção de diversas ações, tais como a Rádio Juvenil, palestras com temas transversais, rodas de conversa, pesquisa e laboratórios de campo, saraus literários e apresentação de retratos da estética negra.



Organização:

Grupo Mulher Maravilha (GMM) em parceria com Escola Estadual Dona Maria Teresa Correia

Título do Projeto:

Negritude Fala mais Alto!

Ano: 2017

Beneficiários: 30 estudantes, 10 docentes, 600 responsáveis e 12.000 habitantes que terão acesso aos conteúdos da rádio

Local: Recife – PE

Histórico:

Em 1975, a Organização das Nações Unidas criou o Ano Internacional da Mulher, ano de fundação do Grupo Mulher Maravilha, no Recife (PE). Para o Grupo, as situações adversas da mulher na sociedade são oriundas do patriarcalismo, do capitalismo e do racismo. As ações chegaram ao Sertão do Pajeú e desde 2003 em comunidades quilombolas. O Grupo objetiva lutar pelos direitos humanos focalizando nas categorias de gênero, raça e etnia, pelo empoderamento das mulheres e demais vítimas da violência, como crianças e adolescentes, em busca de uma sociedade melhor.

O projeto:

Pernambuco ocupa o 4º lugar na taxa de homicídios da população negra do Nordeste e o 7º no país. A Escola localiza-se no Alto José do Pinho, no Recife (PE), área reconhecida como um quilombo urbano e convive com diferentes formas de violência, inclusive a intolerância religiosa. Porém, nos anos 1990, a comunidade conquista visibilidade com as bandas que misturam gêneros de rock e manifestações afro-indígenas locais. Desse movimento surge a Rádio Comunitária em 2003.

O projeto Negritude fala mais alto incentivou o diálogo, a promoção da equidade e do respeito à diversidade entre a comunidade da Escola, estimulando o protagonismo das(os) jovens envolvidas(os). Realizou oficina de radiodifusão com 30 estudantes do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos para atuação na rádio comunitária AltoFalante, sendo as(os) responsáveis pelo programa “Negritude fala mais alto!”, com transmissão nos intervalos escolares dos turnos da tarde e noite. Também houve formação em curso de Educação, Relações Raciais e Direitos Humanos para 10 professoras(es) e gestoras(es) escolares, e debates sobre a questão racial para os pais das(os) estudantes e da comunidade em geral. Assim, o projeto sensibilizou as(os) envolvidas(os) para uma formação que respeitasse a diversidade e cientes do racismo no cotidiano.



Organização:

Comunidade Quilombola Morada da Paz em parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul | Campus Alvorada

Título do Projeto:

Figueira Negra: Descobrimo percursos, identidades e protagonismos

Ano: 2017

Beneficiários: 30

Local: Alvorada – RS

Histórico:

Inaugurado em 2015, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Alvorada ainda encontra-se em implantação, e em 2016 iniciou o segmento de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Dentre suas propostas, os campi do IFRS devem produzir reflexões sobre ações afirmativas e construir práticas que favoreçam a diversidade étnico-racial onde estão localizados.

O projeto:

O projeto Figueira Negra – Descobrimo percursos, identidades e protagonismos foi sensível à invisibilidade da população negra na cidade de Alvorada (RS), na qual a presença negra, suas contribuições e protagonismo foram apagados dos registros históricos. O agravante é que Alvorada possui maioria da população negra e sofre com a violência que atinge diretamente a juventude. Com esse quadro, o projeto propôs uma educação antirracista, valorizando a equidade e inserindo saberes para além do tradicional conhecimento acadêmico, focalizando nos saberes ancestrais, na convivência e aprendizado com as(os) mais velhas(os) e trazendo para o interior da escola as vivências dessas pessoas, suas participações na vida da cidade, tornando-as(os) protagonistas de outras histórias. Buscou-se fortalecer o pertencimento à cidade com ênfase nas memórias de pessoas comuns, negras e pobres, que também construíram vidas nos bairros, no convívio familiar, nas micro-histórias que compuseram outros painéis para Alvorada, mas que não encontravam espaço em uma proposta educacional tradicional. Dessa forma, o projeto elevou a autoestima das(os) alunas(os) negras(os), reduziu a evasão escolar, diminuiu os conflitos raciais dentro da escola e possibilitou a pesquisa e o registro de narrativas de pessoas comuns, contribuindo para a construção de patrimônio material da população negra de Alvorada.



Organização:

Coletivo ComuOnã em parceria com Escola Estadual Professora Esther Garcia

Título do Projeto:

Autofalante: de quem é essa voz?

Ano: 2017

Beneficiários: Encontros Abertos: toda comunidade escolar / Oficinas e Tutoriais: 20 alunos (10 alunas e 10 alunos), dando preferência aos discentes negros e imigrantes.

Local: São Paulo – SP

Histórico:

A Escola Estadual está localizada no distrito do Grajaú, em São Paulo (SP), região que sofre com problemas estruturais e crescimento populacional desordenado. A precarização da vida cotidiana culmina em violência que atinge a juventude negra. A escola mudou em razão do aumento do tráfico de drogas e da violência nos anos 1990. Desde então passou a atuar apenas nos turnos das aulas. Hoje, a unidade escolar possui mais da metade de alunas(os) negras(os), mas, na última década, passou a receber alunas(os) estrangeiras(os), principalmente bolivianas(os). Em um quadro com jovens de diferentes referenciais culturais e estigmatizados pela sociedade, o preconceito e diversas formas de discriminação dão a tônica do cotidiano.

O projeto:

Este projeto surgiu da necessidade de reflexão das desigualdades enfrentadas pelas(os) jovens negras(os) na sociedade e a maneira como a mídia naturaliza a violência, para, assim, descortinar o discurso jornalístico. No entanto, foi preciso capacitar e instrumentalizar as(os) alunas(as) para que compreendessem o contexto adverso em que viviam, focalizando nas relações de gênero e raça e nos discursos estereotipados da linguagem jornalística em relação aos grupos étnico-raciais e ao local onde moravam. Sendo assim, foram realizados encontros com ativistas e coletivos negros periféricos que atuavam na área de comunicação, bem como oficinas de capacitação à linguagem jornalística para a construção de uma central de notícias produzida pelas(os) estudantes, a partir de uma linguagem desenvolvida por elas(es), com relatos que valorizassem as narrativas da comunidade. Assim, possibilitou-se a reflexão crítica das questões de raça e gênero, incentivado o debate acerca da representação das(os) negras(os) nas mídias, elevando a autoestima das(os) estudantes, contribuindo para a redução da evasão escolar e modificando a relação do corpo discente com a escola, tornando-a um espaço de trocas culturais.

Organização:

Instituto de Apoio ao Desenvolvimento e Inclusão Social |
IADIS em parceria com EREM Presidente Costa e Silva

Título do Projeto:

NARGILA | Nascido em uma jornada

Ano: 2017

Beneficiários: 200

Local: Chã de Alegria – PE

Histórico:

A EREM Presidente Costa e Silva localiza-se na Zona da Mata pernambucana, em uma região canavieira que mantém usinas de açúcar nas cidades próximas, que empregam a maioria das famílias locais. A escola pertence à rede estadual de ensino e possui a maioria de estudantes negras(os) em seu ensino médio.

O projeto:

A partir de conversas com o corpo discente, corpo docente e funcionários da Escola Presidente Costa e Silva, o projeto Nargila – nascido em uma jornada sensibilizou-se com as ações do racismo estrutural e com a ausência de pertencimento étnico-racial das(os) alunas(os) negras(os), além de um contexto de oportunidades precarizadas e violência cotidiana. O projeto desenvolveu nas(os) alunas(os) senso crítico para reconhecer o racismo e a discriminação, seus efeitos na história do Brasil e a situação da população negra. Apoiando-se nas leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que versam sobre a obrigatoriedade da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena no currículo escolar, o projeto baseou-se em três cursos: diagnóstico (sobre a história da(o) negra(o) no Brasil com uma perspectiva negra), formativo (trata das lutas e conquistas do movimento negro organizado) e atitudinal (aborda questões de mercado de trabalho e a inserção das(os) jovens negras(os), formando e estimulando ações empreendedoras). Essa formação culmina com a construção de eventos abertos à comunidade: Festival Multicultural, Fórum sobre Equidade Racial e Feira de Empreendedorismo. Ao final do projeto, o corpo discente estava sensível às desigualdades étnico-raciais no Brasil e com a autoestima elevada para a importância de atingir o ensino superior e/ou se preparar para ter uma vida profissional empreendedora.



1 Livro em português:

www.youtube.com/watch?v=cRp5XrMSZBE //

Livro em Inglês:

<http://baoba.org.br/wp-content/uploads/2016/06/web-MEMORIES-OF-BAOBA-dez2015.pdf> Último acesso em outubro de 2017

2 Fonte Atlas da Violência 2017

www.cartacapital.com.br/sociedade/atlas-da-violencia-2017-negros-e-jovens-sao-as-maiores-vitimas

3 Matching funds é uma espécie de co-financiamento, ou fundo complementar em que um financiador doa o mesmo valor – ou multiplica por um número acordado previamente – a quantia que a organização é capaz de captar em um determinado período de tempo. No caso do Baobá, a Fundação Kellogg doa o mesmo valor para a quantia captada por projetos e multiplica por dois a quantia arrecadada diretamente para o Fundo Patrimonial.

4 <http://fopir.org.br/>

www.facebook.com/pg/FOPIR-F%C3%B3rum-Permanente-pela-Igualdade-Racial-630209607158637/about/?ref=page_internal

5 www.rededefundos.org.br/, acessado em 29/09/2017.



Baobá
FUNDO PARA EQUIDADE RACIAL



Voltando o olhar para o desenvolvimento institucional do Fundo Baobá, apresentamos um breve histórico e as transformações aos longos desses seis anos, tanto no que diz respeito à gestão, quanto à área programática a fim de ilustrar o processo de amadurecimento da instituição.

Cristina Lopes